



ROLÊ PELA



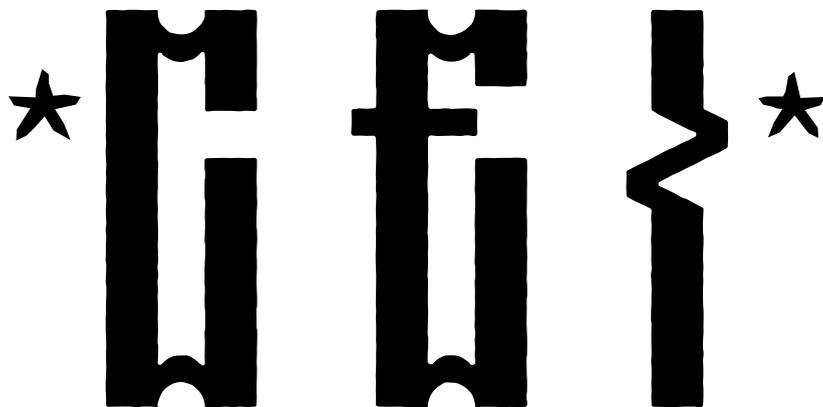
UM GUIA AFETIVO DE CEILÂNDIA

JUNTO COM



PASSE

ROLÊ PELA



UM GUIA AFETIVO DE CEILÂNDIA

Brasília 2020

AGRADECIMENTOS

Este livro não seria possível sem a boa vontade e a generosidade do Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia. Agradecemos a todos os alunos e aos professores, em especial ao diretor, Carlos Alberto de Q. Pereira, à vice diretora, Eliane Silva, à professora de Artes Vânia Romão e aos dois professores que nos franquearam as portas da escola, Benevaldo Gomes da Costa e Olavo Marques Ferreira em nosso primeiro contato.

Foi imprescindível para o nosso trabalho o financiamento obtido junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Distrito Federal, por meio do Edital 03/2016. Sem os recursos dessa instituição, certamente, não teríamos os resultados que ora apresentamos.

O amor pelo ensino e a esperança nos jovens é o que nos move.

ROLÊ PELA CEI: UM GUIA AFETIVO DE CEILÂNDIA

Autoria e Organização

Elane Ribeiro Peixoto
Julia Mazzutti Bastian Solé

Revisão

Conceição Freitas

Incluem-se textos de

Vânia Romão e Eliane Gomes da Silva

Pesquisa de imagens no Arquivo Público e desenhos de bases cartográficas

Alana Waldvogel

Colaboração

Cristina Patriota de Moura
Maria Fernanda Derntl
Vitória Maria Belo do Amaral

Design e ilustração

Estúdio Marujo + Róbsom Aurélio

Impressão

Gráfica Athalaia

.....

Rolê pela CEI: Um Guia Afetivo de Ceilândia /Elane Ribeiro Peixoto; Julia Mazzutti Bastian Solé (org). Texto: Elane Ribeiro Peixoto. Incluem-se textos de Vânia Romão e Eliane Gomes da Silva. Curadoria de Imagens: Julia Mazzutti Bastian Solé. Pesquisa de imagens no Arquivo Público e desenho de bases cartográficas: Alana Wladvogel Brasília: FAU-UnB, 2020.

156p.; 155 x 200 mm.

Design e ilustração: Estúdio Marujo e Róbsom Aurélio

ISBN: 978-65-87781-00-6

Urbanismo. História de Ceilândia. Rolê pela CEI - Um Guia Afetivo de Ceilândia

.....



Sumário

06	APRESENTAÇÃO
09	INTRODUÇÃO
20	CAPÍTULO 1: UM POUCO DE HISTÓRIA
34	CAPÍTULO 2: DA ESCOLA PARA A CIDADE
48	CAPÍTULO 3: MINHA RUA, MINHA CASA
70	CAPÍTULO 4: PERSONAGENS
80	CAPÍTULO 5: PRAÇAS E JARDINS
94	CAPÍTULO 6: FEIRA
106	CAPÍTULO 7: SONS E PALAVRAS
124	CAPÍTULO 8: A CAIXA D'ÁGUA
134	CAPÍTULO 9: MEU ROLÊ PELA CEI
148	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apresentação

Cristina Patriota de Moura

Maria Fernanda Derntl

Este é um guia atípico. Não foi feito pensando em turistas que desejam curtir um lugar em seu período de férias ou viajantes que pretendam aumentar seu nível cultural colecionando conhecimento de obras e monumentos já de reconhecido valor histórico ou artístico (que receberam o selo do tombamento patrimonial, por exemplo). É claro que tais turistas e viajantes com interesses culturais poderão aprender muito com o Rolê pela Cei. Mas, propõe-se aqui algo distinto: revelar tanto um lugar usualmente não contemplado por guias e, ao mesmo tempo, compartilhar vivências e percepções de alunos e professores de Ceilândia sobre o lugar onde vivem.

Um amplo trabalho colaborativo se materializa neste guia pela escrita afetuosa de Elane Ribeiro Peixoto e pela sensível acuidade estética de Julia Mazzutti Bastian Solé. Os textos e imagens que compõem este guia foram produzidos em três anos de trabalho de pesquisa que nasceu da interlocução de arquitetas e antropólogas da Universidade de Brasília para pensar as dinâmicas metropolitanas na capital do Brasil. De um primeiro encontro para refletir sobre cidades capitais, nasceu um projeto de pesquisa voltado para os problemas, bastante debatidos em tempos recentes, da Área Metropolitana de Brasília. Mas, a metrópole Brasília não foi entendida como circunscrição político-administrativa ou com recorte teórico fixo, e sim como território dinâmico onde se dão múltiplas vivências e deslocamentos cotidianos. Tomamos como ponto de partida as escolas públicas da capital, pois, embora já estudadas sob muitos

aspectos, seu papel como foco de convivência e mobilidade na cidade constitui uma dimensão da vida urbana ainda muito pouco explorada tanto no campo da Antropologia Urbana quanto da Arquitetura e Urbanismo. Daí surgiu o desafio de pensar Brasília em escala metropolitana, não apenas da perspectiva restrita do ambiente acadêmico, mas com base em trabalhos com membros de duas comunidades escolares, uma situada em Ceilândia e outra na primeira unidade de vizinhança do Plano Piloto, formada pelas quadras 107/307 e 108/308 da Asa Sul.

O projeto de pesquisa Cotidianos Escolares e Dinâmicas Metropolitanas na Capital do Brasil já contribuiu para a formação de estudantes de graduação e pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo e do Departamento de Antropologia da UnB, bem como envolveu diálogos e colaborações com pesquisadores de diferentes países da América Latina, Estados Unidos e África do Sul*. As reflexões feitas ao longo da pesquisa estarão no livro Cotidianos, escolas e patrimônio, percepções antro-urbanísticas da capital do Brasil, em vias de ser publicado pela Editora da Universidade de Brasília.

Este Rolê pela Cei é parte daquele projeto mais amplo, mas é, principalmente, fruto da convivência de mais de dois anos entre as autoras, profissionais do CEF 19 e os meninos e meninas que caminharam, escreveram, desenharam e conversaram sobre suas trajetórias cotidianas. Ao longo dessa instigante experiência compartilhada, foram registradas percepções acerca de espaços consagrados tanto da Ceilândia como do Plano Piloto, em caminhadas e passeios que envolveram também — para alguns deles pela primeira vez — os espaços monumentais da capital. O guia fala de diferentes experiências de moradoras e moradores da Cei, a começar pela narração em primeira pessoa de uma adolescente que conta suas conversas com a

* O projeto também contou com apoio da Capes por meio do programa Capes Print da UnB e da Capes e CNPq por meio de bolsas de mestrado e doutorado, além das bolsas de Iniciação Científica e de apoio técnico financiadas pelo edital da FAP-DF.

avó. Essa personagem fictícia é um amálgama de impressões e relatos de diferentes jovens com os quais as autoras conversaram ao longo dos anos. Desse modo peculiar, o guia leva o leitor a lugares, cores, cheiros, sons, afetos e sensações que são fruto da vivência de uma geração que cresceu em diálogo com ao menos duas gerações anteriores de moradores de Ceilândia, região administrativa — ou “cidade” como é comumente chamada por seus moradores — consolidada como um dos principais polos urbanos da Área Metropolitana de Brasília.

Este guia é destinado, enfim, aos interessados em conhecer experiências urbanas e a dialogar com elas, sem esperar, com isso, um conhecimento acabado dos espaços visitados, mas tendo em mente que tanto as perspectivas de quem produziu o guia como daqueles que se dispõem a segui-lo são fragmentadas e subjetivas - mas nem por isso de menor valor! Pelo contrário, entendemos que a experiência do viver em metrópole não seria nunca abarcada por um roteiro fixo de visitas a lugares significativos, mas se dá na contínua relação com espaços em constante mudança, tanto em sua materialidade como nos significados que podemos lhes atribuir.

O guia espera estimular um público amplo e variado a percorrer a Ceilândia, mas também dá particular importância ao intuito de manter acesas as possibilidades de contribuição de estudantes do CEF 19 e de outras escolas para o conhecimento da cidade. Nas páginas em branco, ao final do guia, eles podem dialogar e colaborar com o enriquecimento da publicação incluindo suas próprias experiências de moradia, vida escolar e papéis. A intenção é continuar colaborando, refletindo e comunicando a vida da cidade, que se configura no entrelaçamento de tantas trajetórias pessoais, movimentos e gerações. Por isso, essa apresentação encerra-se de modo breve: mais do que criar aqui uma determinada predisposição no leitor ou justificar extensamente o trabalho que se segue, julgamos oportuno fazer logo o convite: vamos dar um rolê pela Ceil?

Construindo este guia

Elane Ribeiro Peixoto

Julia Mazzutti Bastian Solé

Este guia de Ceilândia, que chamamos Rolê pela Ceil, sustenta-se nos resultados de três anos de pesquisa desenvolvida no Centro de Ensino Fundamental de Ceilândia — CEF 19.

Quais as relações que os estudantes estabelecem com a cidade? Foi essa nossa pergunta inicial. Em parceria com a professora de Artes, Vânia Romão, propusemos um programa de curso em que a cidade seria o tema central a partir do qual se formulariam questões sobre a percepção do espaço urbano e sobre os laços afetivos com ele estabelecidos. Em diálogo com a professora, ajustamos nossa proposta de forma a permitir a sobreposição de conteúdos de nosso interesse ao que é exigido pela Secretaria de Educação. Vimos, então, a oportunidade de transformar Ceilândia em nossa sala de aula e em nosso livro-texto.

Durante os anos de 2018 e 2019, propusemos uma série de oficinas com os alunos do 9º ano, ou seja, os alunos mais velhos do ensino fundamental e com maior desenvoltura em perambular pela cidade, para que assim nos ensinasse sobre suas práticas espaciais. As oficinas eram antecedidas por aulas nas quais buscávamos apresentar conteúdos mínimos de urbanismo e de princípios da cidade modernista, da história de Brasília e de Ceilândia. Nos preocupamos em oferecer instrumentos que possibilitassem nossos jovens parceiros a lerem um mapa da cidade e nele se localizarem. Para isso, propusemos a construção de uma maquete-mapa, recurso importante para que eles percebessem melhor o espaço urbano. Precisávamos ouvi-los sobre suas vivências para que elas pudessem nos mostrar uma Ceilândia da qual apenas esboçávamos ideias vagas. Para preencher nossas lacunas, propusemos aos estudantes que escrevessem diários com os trajetos casa-escola-casa; textos e desenhos que falassem sobre as formas de morar; lugares importantes de convívio e de encontro.

Munidos de curiosidade, interesse e, confessamos, de emoção, transpusemos os altos muros do CEF 19, encimados por uma cerca de arame farpado. Começamos nossa exploração pelas vizinhanças, pelo centro da Ceilândia e, depois, pelo Plano Piloto. Nosso intuito era percorrer a capital federal em círculos crescentes, traçados a partir da escola, de maneira que fosse possível vislumbrar a metrópole. Ambicionávamos conhecer Ceilândia para além do que nos oferecem a literatura e as nossas vivências restritas ao Plano Piloto. Para isto, era preciso que nos deixássemos guiar por quem mora na cidade, transita por suas ruas, vive em suas casas e trabalha em suas escolas. Nossos guias foram, primeiro, os alunos do 9º Ano A (2018) e depois do 9º Ano F (2019). Levados por eles, descobrimos as práticas das ruas, o interior das casas, histórias que iam da Guariroba ao Sol Nascente. Aprendemos sobre seus gostos musicais, as palavras preferidas, como pintam os olhos ou como penteiam os cabelos em elegantes e elaborados topetes.

Nos deixamos conduzir também pelos professores do CEF 19, com quem conversamos nos cafés — na mesa da copa da escola, o lanche é partilhado, cada um contribui como quer e como pode. É a hora em que eles conversam sobre os alunos. Muitas vezes, perguntávamos como atrair a atenção de adolescentes cheios de energia e inquietação — havia sempre um conselho disponível.

A vivência dos professores, somada à ideia de Ceilândia como cidade-documento, possibilitou a formulação de propostas pedagógicas capazes de envolver os adolescentes de forma mais sedutora e mais comprometida. O trabalho realizado no Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia exemplifica um passo na direção de uma educação mais participativa e localmente referenciada. A cidade torna-se documento e seus jovens moradores, pesquisadores de sua história, de seus acervos e possibilidades.

Todo o material produzido pelos coautores deste guia, os alunos do CEF 19, deu suporte à elaboração do Rolê pela Cei. O conjunto de nossas experiências na cidade e o fabuloso cabedal de conhecimento generosamente produzido pelos estudantes foram sendo tramados com nossas leituras teóricas, vindas da história urbana, dos métodos de história oral, da problematização da memória, das questões que fecundam os debates sobre o patrimônio cultural e da Antropologia. Também os depoimentos de moradores pioneiros de Ceilândia, disponíveis no Arquivo Público do Distrito Federal, sustentam os personagens que dão vida ao nosso guia — podemos dizer que é uma ficção baseada em relatos reais. Seus personagens são inspirados nas muitas pessoas que conhecemos durante esta jornada.

Rolê pela Cei soma-se aos muitos guias de Brasília que, em sua maioria, estão circunscritos ao Plano Piloto, aos seus monumentos e sua arquitetura erudita. Nossa contribuição é revelar, a quem não a conhece, uma Ceilândia atual, na qual sua história está presente. Nosso propósito foi construir com muitas mãos o conteúdo aqui apresentado. Esperamos ter sido trespassadas,

quicá com alguma sensibilidade, pelas muitas vezes presentes nestas páginas.

Se toda pesquisa busca seguir os rigores metodológicos, a veracidade e a primazia das fontes documentais, e divulgar seus resultados em linguagem acadêmica, ela também permite, como ato criativo que é, se apresentar de outras formas.

Este guia é um convite para conhecer melhor a Ceilândia, desta vez, pela perspectiva de alguns de seus adolescentes.

Meu nome
é Vânia

Vânia Romão

Ceilândia? Já cheguei cabreira pois quando se está no Plano Piloto, Taguatinga é muito perigosa; quando se está em Taguatinga, Ceilândia é que é perigosa, mas quando se chega em Ceilândia perigoso é lá no Sol Nascente, e por aí vai...

São nove anos de trabalho em Ceilândia e nunca presenciei algo que eu nomeasse como “muito perigoso”, no máximo

alguns episódios desagradáveis que poderiam ser vividos em qualquer outro lugar.

Fui criada no interior de Minas Gerais e me mudei para Brasília quando passei no vestibular de Artes Visuais da UnB. Assim que concluí o bacharelado e a licenciatura fui trabalhar como professora da Educação Básica do Distrito Federal. Sem nenhuma experiência, me deparei com um apagador, um “cane-tão”, 12 diários e um “seja bem-vinda, professora” no CED 06 (Centro Educacional 06) de Ceilândia.

Minha experiência no CED 06 foi espetacular, me descobri amando o desafio de ser professora, com alunos/as do 1º e 2º anos do Ensino Médio. Uma escola acolhedora que abraça projetos, que sonha, que luta pelo/a aluno/a, e estudantes que correspondem ao nosso entusiasmo constituindo ali um ciclo de retroalimentação e aprendizado contínuo e intensivo.

Por um ano dei aulas no CED 06, não queria sair de jeito nenhum e nem os(as) colegas queriam isso. É comum o grupo se afinar em um ano letivo e não querer se separar ao seu final, mas a lotação do primeiro ano do(a) professor(a) contratado(a) é provisória e no ano seguinte ele(a) deve escolher uma carga “permanente” em outra escola. Foi aí que a contragosto no ano de 2012 fui trabalhar no CEF 19 (Centro de Ensino Fundamental 19) de Ceilândia.

Quando cheguei ao 19, fui muito bem recebida pela direção, pelos/as colegas e rapidamente tive muitas outras afinidades, tanto com o modo de trabalho da escola quanto com as pessoas que ali colaboravam. Muitas dessas proximidades pessoais foram se desenvolvendo e hoje são amizades para a vida toda. São colegas e amigos/as que vão e vêm todos os anos.

Ter gestões como as que já trabalhei no CEF 19 faz toda a diferença, pois prezam sempre pelo aprendizado do/a aluno/a,

mas respeitando a autonomia do professor/a, apoiando as decisões e projetos que ele/a toma, além de auxiliar e dar suporte ao que ele/a precisa.

Com relação à minha prática pedagógica, as aulas que antes eram mais conteudistas e unidirecionais, focadas no Enem, vestibular, mercado de trabalho, vêm se transformando em aulas mais “humanas” que tentam compreender melhor as adversidades vivenciadas pelos/as meus/minhas alunos/as. Venho aprendendo muito e sempre tentando aperfeiçoar a maneira como cumpro meu papel de mediadora, como dou protagonismo ao meu aluno, à minha aluna para que ele/a mostre o que tem de melhor, e que possa errar e aprender com as suas falhas, ver que o erro faz parte do processo de acertar, mostrar sua criatividade, perceber sua personalidade e qual a melhor maneira de aproveitarmos tudo isso.

Mas a sistemática rígida ainda faz parte da minha didática, pontualidade, seriedade, dedicação, capricho, persistência ainda são premissas para todas as atividades propostas. Acredito nessas características para a obtenção do sucesso. Os/as alunos/as acham que sou muito brava porque quero o máximo, e quero mesmo extrair tudo o que eles/as podem fazer e um pouco mais. Às vezes eles/as ficam com raiva de mim, mas basta o distanciamento do tempo para eles/as perceberem que as broncas, as exigências, são para explorar o que eles/as têm de melhor. Dou o meu máximo como profissional e exijo o melhor que os meus alunos/as minhas alunas podem oferecer.

Busco construir com meus alunos/minhas alunas uma relação de respeito, confiança, seriedade e afetividade. Procuo fazer com que eles se sintam únicos, especiais da maneira que são, procuro suas potencialidades, tento mapear suas dificuldades para que eles possam ter o melhor aprendizado possível nas minhas duas aulas por semana. Seria lamentável para nós perdermos esse tempo, portanto precisamos utilizá-lo da me-

lhor maneira possível e cabe a mim arquitetar e conduzir esse importante processo. Olha que responsabilidade!

Claro que não são só flores, passamos por maus bocados regularmente, alunos/as desinteressados, por inúmeros motivos, a maioria deles muito legítimos. Alunos/as com deficiências, transtornos, síndromes e sem acompanhamento médico. Família que não acompanha a vida acadêmica do filho/da filha ou porque trabalha demais e “dá tudo” para o filho/a filha, então ele/a tem obrigação de ser o/a melhor aluno/a da turma. Tem responsável que não orienta porque não sabe, estudou menos que o filho/a filha. Muitas famílias desestruturadas, com casos de violência, pobreza extrema, descaso com os/as adolescentes, abuso de drogas tanto pelos/as responsáveis quanto pelo aluno/pela aluna. Sem mencionar espaços físicos inadequados, ausência de materiais legítimos para o aprendizado, especialmente na área tecnológica. Enfim, são muitos os desafios diários dentro de uma sala de aula e de uma escola.

Mas, costumo dizer que não há melhor emprego para alguém como eu, se fosse um trabalho valorizado socialmente e que, como consequência, trouxesse melhores salários, espaços físicos adequados, materiais e equipamentos necessários para a minha prática diária. Se assim fosse, eu não faria outra coisa da vida de jeito nenhum. Trabalhar com educação e como professora me proporciona o estudo constante nas áreas de meu interesse. Um aprendizado contínuo por meio da troca com outros/as professores/as, servidores/as, responsáveis pelos/as alunos/as e principalmente com os/as alunos/as. Ser professora me permite um contato direto com gente. Amo gente! Amo servir, ser útil, sentir que posso fazer algo que não beneficie só a mim e a minha família, mas também a um outro/uma outra.

Ceilândia? Faço parte dessa comunidade conhecendo e aprendendo cada vez mais com esse lugar e essas pessoas.

A menina com os pés sujos de piche

Eliane Gomes da Silva

Minha história com a cidade de Ceilândia vem de longe, mais precisamente do ano de 1977, ano em que nasci. Quando completei três meses de vida, meus pais foram contemplados com uma casa pelo então Programa de Habitação da SHIS (Serviço de Habitação de Interesse Social) e, muito felizes, se mudaram para uma linda casa na recém-inaugurada Guariroba, em Ceilândia. A primeira casa de tijolos em que morariam. Cresci ouvindo de minha mãe o quanto ela era feliz e grata por ter conseguido ganhar uma casa e, finalmente, deixar de “morar de favor na casa dos outros”.

Meus pais chegaram a Brasília na década de 70 e foram morar na Vila do IAPI, onde se conheceram, também moraram na Vila Tenório. Algum tempo depois, se casaram e foram para Ceilândia morar de favor no lote de um tio. Um ano depois, em 1973, nasceu a primeira filha, minha irmã mais velha, Mônica.

Nessa época, minha mãe trabalhava como diarista e meu pai era padeiro e confeitoiro. Viviam em uma situação financeira bem difícil e, por isso, não tinham condições de pagar o aluguel de uma casa. Inconformada, porém cheia de esperança, minha mãe se inscreveu no Programa Habitacional da SHIS e conseguiu ganhar uma casa em Ceilândia, na Guariroba, no ano em que deu à luz às gêmeas Eliane e Eliene. Eliane sou eu.

Assim, cresci junto com esta cidade e presenciei suas mudanças à medida que vivia e me desenvolvia. Na infância, presenciei com entusiasmo a chegada do asfalto nas ruas. Lembro-me perfeitamente do som dos tratores e do cheiro de piche que invadia as casas e inutilizava algumas chinelas. Lembro-me das vendinhas nas residências, do primeiro mercado, da primeira padaria. Aos poucos as casas foram ganhando muros e dando um pouco de privacidade aos seus moradores.

Em 1984, com 7 anos, ingressei na minha primeira escola: Escola Classe 21 de Ceilândia. Até hoje me lembro do primeiro dia de aula e do lanche que foi servido no pratinho azul: sopa de macarrão com feijão. Eu mal podia acreditar! Amava os lanches da escola — paçoca, leite caramelizado, arroz doce e a inesquecível galinhada às sextas. Um verdadeiro luxo para as crianças daquela comunidade.

Fiz todo o Ensino Fundamental I nesta escola, até que, aos 11 anos, ingressei na 5ª série no Centro de Ensino Fundamental 07 de Ceilândia, onde cursei o Ensino Fundamental II, que era da 5ª à 8ª série. Nesta época, um sonho crescia em mim, muito por incentivo de minha mãe que desejava que as filhas fossem professoras e desde muito cedo tratou de não nos dar outra opção que não fosse realizar o sonho frustrado dela própria.

Assim, aos 15 anos, ingressei na Escola Normal de Ceilândia, e me tornei uma normalista, para alegria e satisfação de Dona Conceição, minha mãe.

Aos 18, já formada e concursada, ingressei na Fundação Educacional do Distrito Federal, ministrando aulas para séries iniciais em uma escola classe bem próxima de casa.

Ao longo da minha trajetória profissional, trabalhei em várias escolas de Ceilândia em diferentes modalidades de ensino e com públicos diversos, desde crianças bem pequenas, até a educação de jovens e adultos (EJA). Paralelamente ao trabalho, me graduei em Letras e, no ano de 2005, ingressei no Centro de Ensino Fundamental 19 de Ceilândia como professora de Língua Portuguesa, local onde atuo até hoje, com entusiasmo e satisfação.

Minha trajetória profissional sempre esteve ligada à cidade de Ceilândia e, mesmo podendo, nunca quis trabalhar em outra localidade. Sou fruto das escolas públicas de Ceilândia e acredito que, assim como a escola pública mudou minha vida, mudou também muitas outras vidas com as quais tive o privilégio de contribuir como professora.

Há dois anos, assumi o cargo de vice-diretora da escola, o que tem me trazido novos desafios e muito entusiasmo. Amo a profissão que minha mãe escolheu pra mim (que sorte!) e acredito no poder transformador da educação na vida dos jovens desta comunidade e isto me move em busca de transpor as dificuldades diárias, dificuldades que muitas vezes desmotivam e geram angústias, porém nunca foram paralisantes, ao contrário, me impulsionam.

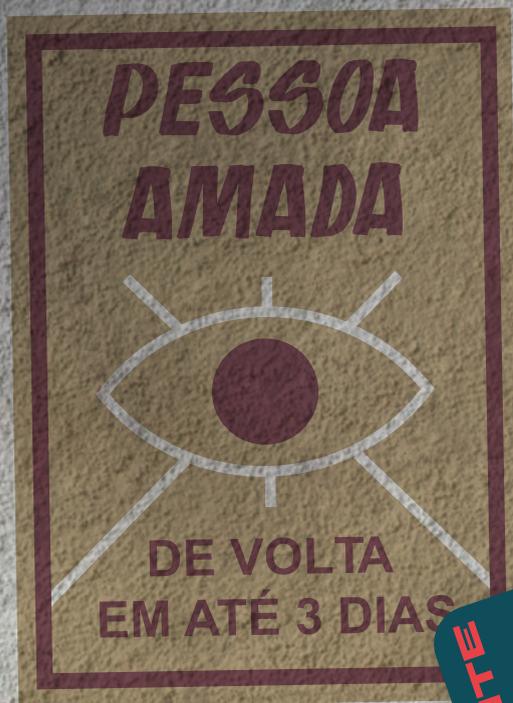
Não moro mais em Ceilândia há quase duas décadas. Meus pais também se mudaram, mas continuo exercendo meu trabalho e pretendo encerrar minha vida profissional nesta cidade que faz parte do que sou. Sempre me senti no dever de contribuir para a superação do preconceito e estigma que cercam os jovens que vivem em Ceilândia. Longe de uma visão idealizada e com os pés ainda sujos de piche, creio na possibilidade concreta de

mudança de vida, ascensão social e cultural que podem emergir dos muros escolares e vejo o CEF 19 e os profissionais que ali atuam como instrumentos a serviço de formação e de superação para os nossos jovens.

Termino este texto ressaltando que Dona Conceição, minha mãe, hoje é só orgulho. As três filhas que teve se formaram professoras.

Obrigada, mãe.

CAPÍTULO 1



BORRACHARIA
AQUI →

Um vento forte bateu a porta do meu quarto¹



Um arrepio subiu a minha espinha até as minhas orelhas. Não gosto de ventos fortes que batem as portas e fazem as paredes tremer. Vou correndo procurar minha avó que, basta me olhar, para saber que estou com medo. Ela ri da minha infantilidade e vai logo dizendo que almas penadas não moram em ventos e que não é preciso ter medo de mortos. Tento disfarçar, digo que está redondamente enganada e que só fui à cozinha para beber um copo de água.

Minha avó elegeu a cozinha como a sua parte preferida da casa. Ela sempre arranja alguma coisa para fazer lá - ora um biscoito, ora um bolo ou simplesmente fica ali sentada, tomando um café e pensando na vida. Acho que fica perdida nas lembranças. Ela é uma mulher ainda nova e bem forte, consegue sem muito

1. O conjunto de depoimentos do Programa de História Oral do Arquivo Público é base para este texto.

esforço abrir os vidros de azeitona ou de doce. Com um pano e uma faca, ela faz uma proeza: abre os vidros que todos da casa tentaram abrir, sem resultado. Minha avó tem um poder muito especial, o de acalmar todo mundo.

Ela retoma o assunto do vento batendo a porta e, com cara zombeteira, insinua que sou fracote, e assim acha um fio de meada para contar mais uma de suas histórias. Diz ela que veio para Brasília muito jovem, quase da minha idade. Veio sozinha para viver com uma tia na Vila do IAPI. Nessa vila, morava muita gente e quase todo mundo tinha vindo em busca de uma vida melhor. Viver ali não era nada fácil: a luz funcionava a motor e tinha hora para se apagar; a água era distribuída por torneiras em alguns pontos da vila. Esgoto? Nem pensar! Era a céu aberto mesmo. As casas, mais do que simples, eram frágeis, mas não era só tristeza. Nela, tinha escola, tinha aquela típica camaradagem entre vizinhos e um dado muito importante: era perto do primeiro hospital de Brasília. Além disso, de lá era fácil ir para o Plano Piloto, onde a maior parte das gentes trabalhava. Sabe onde fica o Núcleo Bandeirante? Pois então, a Vila do IAPI ficava perto e, dentro dela, tinham outras comunidades — Morro do Urubu, Morro do Querosene, Vila Tenório, Vila Bernardo Sayão... e por aí vai!

O fato é que muita gente morava nesse lugar e, um belo dia, lembra minha avó, apareceram umas pessoas do Serviço Social que explicaram a necessidade de retirar toda mundo da área. Eles justificavam que a remoção era necessária porque o lugar tinha muitos córregos que faziam parte da Bacia do Paranoá. A Vila poderia comprometer a qualidade das águas e que não fazia bem viver naquelas condições, sem papéis de propriedade dos lotes e coisa semelhante. Claro que muita gente se entusiasmou com a chance de ter um lote legalizado, com papel passado e, assim, se livrar do risco de ser desalojado. Isto foi lá pela década de 1970, quando minha avó tinha meu pai e minha tia mais velha estava a caminho.



Pastores e padres fizeram coro aos funcionários do Serviço Social e ajudaram a convencer quem tinha ainda dúvida quanto aos benefícios da mudança. Entre um gole de café e uma piscada lenta, acho que para ajudar na lembrança, minha avó continua a contar sobre a mudança para Ceilândia — sim, porque a nova cidade era a Ceilândia! Muita gente veio com os caminhões do governo, outras se arranjaram sozinhas. Não vinham só as pessoas, as velhas casas de madeira da vila eram desmontadas para serem remontadas novamente na Cei. Todo mundo era pobre, não tinha dinheiro para a construção de uma casa nova. Minha avó viu sua casa ser desmontada em poucas horas, suas coisas postas no caminhão — fogão, guarda-roupa, panelas, cadeiras e, por fim, meu pai e ela. Não esqueceram Tarzan, seu valente cachorro. Chegaram na cidade no fim da manhã - era só poeira e um pá-pá-pá de martelo e um zurru-zurruru de serrote. As coisas foram deixadas na frente do lote destinado à minha avó. O mato era alto e o cerrado tomava conta de tudo. A primeira providência foi limpar o chão, coisa que ela fez com seu braço forte. À noite, ela e meu pai se abrigaram na casa do vizinho e, então, ela me falou do vento, o mais forte que já tinha visto na vida — eram uivos e lufadas que entravam pelas frestas da casa de madeira. Acho que a partir daí, se minha avó teve algum dia medo de vento que bate portas, ela o perdeu para sempre. Ceilândia fez minha avó perder seu medo de vento forte



- coisa que ela nunca assumiu ter, para posar de valentona. Mas penso que foi isso mesmo, por isso ela ri do meu medo.

Mas tem coisa pior que o vento e eu não gosto nem de pensar porque sinto nojo e medo de esbarrar nessa estranha criatura. Sei bem da importância de cuidar dos animais e de compreender seu papel na natureza, a professora de Biologia sempre alerta sobre isto. Mas, no começo da Ceil, não só a minha avó, mas também o meu pai se lembra dos minhocuçus, minhocas enormes que saíam do chão, logo que a chuva fazia a terra ficar fofa. As minhocas têm importância, mas uma minhoca gigante e viscosa? Francamente, não dá para encarar!

Minha avó canta. Sabe músicas antigas e adora escutar o rádio. Ela sempre gostou de música, meu pai diz que herdei esse gosto dela. Ela abomina as minhas músicas preferidas - rap e funk, mas eu não ligo!

A Ceilândia da minha avó é muito diferente da minha. Quantas vezes ela já me contou sobre as latas de água que carregava para manter a casa. Para encher uma lata de água, era preciso fazer fila e esperar a vez. Muita confusão rolava nessas filas. Como pode uma cidade começar sem uma coisa tão básica como a água? É por isso que a Caixa d'Água daqui tem valor para a gente mais velha. Afinal, com a construção dela, muito trabalho foi poupado.

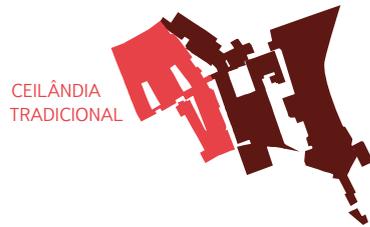
Muito bem, agora que o vento acalmou, a chuva cai de mansinho e meu medo foi embora com a simples presença de minha avó, vou falar da minha Ceilândia. Vem comigo! Vou te guiar!



Evolução da Ceilândia e seus setores



1960



1971



1976



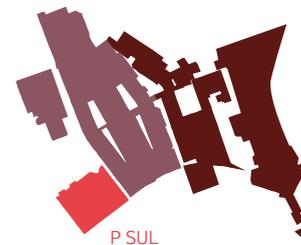
1977



1989



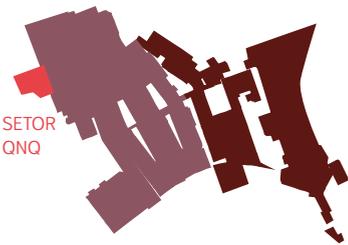
1985



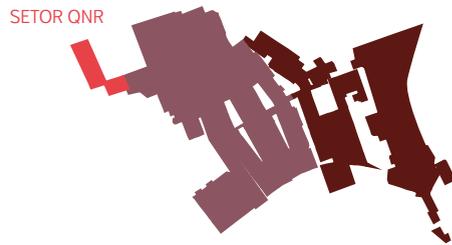
1979



1979



1989



1992



1996

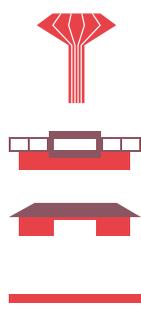


2010

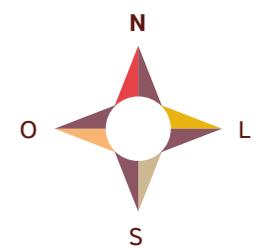
Mapa geral da CEI



- Taguatinga
- Ceilândia Tradicional
- Setor O
- Guariroba
- Setor P Norte
- Setor P Sul
- Expansão do Setor O
- Setores N Norte e Sul
- Setor QNQ
- Setor QNR
- Setor Privê
- Sol Nascente



- Caixa d'água
- Feira Central
- CEF 19
- Av. Hélio Prates



Feira Central da Ceilândia, 1972



Caixa d'água de Ceilândia em construção, 1973



Preparação do terreno para receber as primeiras casas de Ceilândia, 1971



Fontes: Arquivo Público do Distrito Federal e acervo pessoal de Maria de Lourdes Abadia

Vista aérea mostra uma escola como primeira construção da unidade de vizinhança nas primeiras quadras de Ceilândia.



Vista do setor Ceilândia Tradicional com casas e a caixa d'água em 1975.



CAPÍTULO 2



DA ESCOLA PARA A CIDADE



Minha escola fica na Guararioba, bem no centro de Ceilândia



Ela está numa Unidade de Vizinhança. Uma Unidade de Vizinhança é um módulo da cidade, isto é: uma parte de um todo. Para dar um exemplo bem fácil, pense numa parede. Pergunta simples: De que é feita uma parede? Você vai responder: De tijolos! Pois bem, um tijolo é um módulo da parede, ele é a a sua menor parte, ele vai se repetindo, se repetindo até formar uma parede forte e maciça! A Unidade de Vizinhança (UV) é o “tijolo” dos setores de Ceilândia e do Plano Piloto também. Ela é bem simples, foi criada por um sujeito americano, um sociólogo² - li isso em algum lugar, não me lembro onde. Ele ficou pensando em como era difícil a vida das pessoas nas grandes cidades, imaginou que seria muito bom a gente viver nelas com as facilidades das cidades pequenas. Teve a brilhante ideia de propor um arranjo com certo número de casas, uma escola, comércios e serviços. Tudo perto, de

2. Clarence Perry definiu e explicou o que é a Unidade de Vizinhança e Robert Whitten a imaginou desenhado modelos para as UVs. Eles estudavam a grande cidade de Nova Iorque e pensavam soluções para simplificar a vida das pessoas. Suas ideias foram publicadas “The Neighborhood Unit: A Scheme of Arrangement for family-life Community”. Também o urbanista que desenhou o Plano Piloto, Lucio Costa, escreveu sobre a UV do Plano Piloto e toda a explicação está no documento Relatório do Plano Piloto de Brasília.

forma que qualquer pessoa, grande ou pequena, pudesse ir a pé à padaria, farmácia, escola ou igreja. Os pais ficariam despreocupados porque, os filhos não teriam que se arriscar em travessias de ruas movimentadas e cheias de carros e o dia a dia ficaria bem mais fácil. Ceilândia tem muitos setores e muitas Unidades de Vizinhança.

Minha escola é quase da idade de Ceilândia. Muitos dos meus professores estudaram nela. É um prédio simples e até bem simpático, mas no calor a sala de aula é infernal e fica difícil estudar. Como escutar a professora de História sem cochilar e fazer cálculos de Matemática com os miolos fervendo? No começo, ela não era murada, vi em velhas fotografias levadas pelo nosso vice-diretor — imagine: o cara está lá desde que a escola foi criada, quanta paciência! Mas professor tem este dom, o de ser paciente (nem todos, né? Me desculpem aqueles em quem a carapuça serviu!). Agora a escola tem um muro tão alto que ninguém vê a gente e nem a gente pode ver a rua. Pena! A gente às vezes pinta alguns desenhos e frases para tentar deixá-lo mais bonito, mas bom mesmo seria poder ver o que rola lá fora...

Dizem que o ensino baseado em Escola Parque e Escola Classe foi criado por um baiano chamado Anísio - achei bonito este nome: Anísio Teixeira³. Ele propunha que a meninada pudesse

3. Anísio Teixeira (1900-1971) foi jurista, educador e escritor e responsável pela criação do Plano Educacional de Brasília. Inspirado pelas teorias educacionais de John Dewey, assinou o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, de 1932, em defesa do ensino público, gratuito, laico e obrigatório. Ocupou cargos públicos em órgãos educacionais no Rio de Janeiro e na Bahia onde testou, pela primeira vez, o sistema de escola classe e escola parque. No final da década de 1950, como diretor do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, formulou o Plano Educacional de Brasília para o plano urbanístico da nova capital, com uma concepção escolar inovadora. Anísio delineou os objetivos e diretrizes da proposta pedagógica e especificou os prédios e ambientes para que cada um dos módulos escolares servisse a "atividades de estudo, trabalho, recreação, administração e convívio social." (TEIXEIRA, 1961, p. 197)



ter dois tipos de escola⁴, uma em que as disciplinas fossem ensinadas — por isso o nome dela seria Escola Classe; e outra, chamada Escola Parque, onde aprenderíamos artes e profissões no restante do dia, completando nossa formação. Anísio não queria moleza!

Pensando bem, quando olho os mapas de Ceilândia e o do Plano Piloto, noto semelhanças entre eles: as Unidades de Vizinhança, duas grandes avenidas e ainda a distribuição das escolas pelo baiano. A verdade é que a Cei mudou muito desde que a minha avó chegou, as pessoas foram construindo e ajustando as casas, suas vidas, a cidade. Apesar das mudanças, acho que as escolas ainda se parecem com as que Anísio imaginou. A ideia dele de fazer da escola um centro importante para toda a vizinhança funcionou muito bem. Para você ter uma ideia, a escola é tão importante na vida da gente que minha professora de Biologia fez sua festa de 15 anos na escola! Muito irado!!!! Um detalhe: minha escola é muito bem-cuidada! Preste atenção na organização da copa, onde os professores tomam seu cafezinho.

Apresentada a minha escola, vamos para a minha rua! Bora lá?

4. O sistema de educação proposto por Anísio Teixeira para Brasília constituía-se de centros de educação que compreendiam os três níveis de ensino do sistema educacional (elementar, médio e superior), era formado por: Jardins de Infância, Escolas Classe e Escolas Parque; Escola Secundária Compreensiva e Parque de Educação Média; e a Universidade de Brasília. Envolve também bibliotecas, centros de recreação e esportes e administração. De acordo com Eva Waisros, (2011, p.32), "o plano arquitetônico da cidade, traçado por Lucio Costa, definira a priori a estrutura básica da implantação da rede física dos estabelecimentos de ensino". Os planos urbanísticos e educacionais de Lucio e Anísio não foram implantados nem desenvolvidos em sua plenitude, mas formam a base de implantação e seguem sendo referência para as construções e formulações escolares do Distrito Federal.

Educação na CEI

- ★ 1 CEF19
- ★ 2 Centro Cultural de Desportivo de Ceilândia
- ★ 3 Escola Técnica de Ceilândia
- ★ 4 Universidade de Brasília – Campus Ceilândia
- ★ 5 Instituto Federal de Brasília – Campus Ceilândia
- ★ 6 Centro Interescolar de Línguas de Ceilândia
- ★ 7 Escola Parque Anísio Teixeira

- Centro de Ensino Médio
- Centro de Ensino Fundamental



A CAMINHO DO CENTRO: **BODYBUILDERS** E **HAMSTERS**

Ao redor da escola há matos e lixos, acima desta há um parquinho, uma quadra e equipamentos de exercício, subindo a avenida há um posto de vacinação, e ao lado a loja de materiais de construção, ao redor da loja tem muitos materiais de construção estocados em alguns galpões acima havia uma loja de artesanato e um banco, subindo tem um posto policial abandonado (malcheiroso) e acima deste fica a estação do metrô, tinha uma mulher vendendo paçoca e eu comprei algumas, passando por uma academia havia dois **bodybuilders** (pessoas musculosas) levantando peso, na altura da Via Leste fica o melhor bar da Ceilândia lá estava passando **jogo de futebol**, Polônia contra Chile, depois tem uma loja

de perfumes muito boa, também há um PET Shop onde havia pássaros e **hamsters** muito fofos, subindo tem a caixa d'água, ao lado tem pessoas vendendo redes de dormir e camisetas de time de futebol, nós íamos para lá, mas estava cedo e decidimos ir à praça do cidadão, acima da caixa d'água fica a feira da Ceilândia (vendem comidas nordestinas, roupas e calçados) por um preço popular, a praça do cidadão fica na Ceilândia Norte lá uma voluntária nos explicou o projeto (Jovem de Expressão) eles oferecem aula de dança e grafite, lá tem uma biblioteca e uma sala de informática, tinha uma turma de alunos dançando. Este foi o ponto final do passeio, depois voltamos para a escola.

Depoimento: Laina Rodrigues Menezes

A CAMINHO DO CENTRO: PAÇOCA E HIDRATANTES

Nosso passeio começou ao redor da escola, paramos na pracinha de cima enquanto a Julia nos fotografava. Seguimos em frente... (alguns minutos depois). Sentamos na “pracinha” do metrô, comprei paçooca e continuamos andando até chegar no centro. Mais a frente, passamos em frente à uma loja de cosméticos e experimentamos o **hidratante** que tinha na porta. Rimos bastante e depois deitamos em cima de vários **colchões** de outra loja que havia mais a frente. Tirei muita foto com a Kelly, estávamos juntas o tempo todo! (só faltou a Marcelly. Chegamos até a praça do cidadão; lá vi algumas **pessoas dançando**, porém fiquei apaixonada mesmo pelos grafites que tem lá! Logo depois falamos com um locutor bem legal (eu e Kelly). Foi uma das coisas mais legais durante o passeio, me diverti muito! No fim do passeio voltamos para a escola (fazendo a mesma rota). O passeio foi maravilhoso e bem divertido. **ADOREI!**

Depoimento: Kaylanne Karolaine Toffoletto Costa



CEF19



Visita ao Centro de Ceilândia



Visita ao Entorno da Escola

Interior de sala de aula do CEF 19



Pátio interno: pavilhões de aula do CEF 19



Trabalhos de Artes expostos em sala de aula no CEF 19



Quadra de esportes do CEF 19



Fachada do CEF 19



GARAGEM



**PROIBIDO
ESTACIONAR**



capítulo 3

VENDE-SE

**ESTE IMÓVEL
3 QUARTOS**

CUIDADO



CÃO BRAVO



MINHA

MINHA

Minha rua é estreita, as ruas da Guarariroba são

estreitas.



Fico com a pulga atrás da orelha porque as ruas da Cei quase não têm árvores. Por que, se vivemos em um lugar tão quente e precisamos de sombra e da beleza das árvores?

Os conjuntos de casas são bem compridos e há casas de muitas cores: azul, amarela, branca, tem até uma vermelha, da cor do Corpo de Bombeiros. Minha avó disse que só restou uma única casa dos primeiros tempos de Ceilândia, das “casas da SHIS”⁵.

É um espicha pra frente e um espicha pra trás, e as casas vão mudando. Da rua, a gente vê muito pouco as fachadas, porque os muros são altos ou elas têm na frente um grande portão de grades. Não eram assim tão cercadas! Grades e muros foram aparecendo e aumentando de altura por causa da violência e do medo, que minha avó jura, de pé junto, não ter existido no

5. SHIS — Sociedade de Habitação de Interesse Social era uma versão local das Companhias de Habitação, as COHABS. Essa sociedade foi responsável pela construção das moradias nas cidades-satélites e eram financiadas pelo Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS).

começo da cidade. As brigas se limitavam às disputas de lugar na fila da água. No mais, as pessoas eram bem solidárias — é assim que ela se lembra.

Os portões de ferro são tão enfeitados que parecem renda e bordado. Gosto de andar junto a eles com meu dedo passando pelas grades, é uma mania que tenho desde muito pequena. Consigo ver pouco das casas pelas frestas das grades. Às vezes, nos muros têm uma espécie de buraco fechado com grade, a gente pode ver através deles. As cores das casas são alegres e vivas, não são cores de casa de gente acanhada. Definitivamente, não!

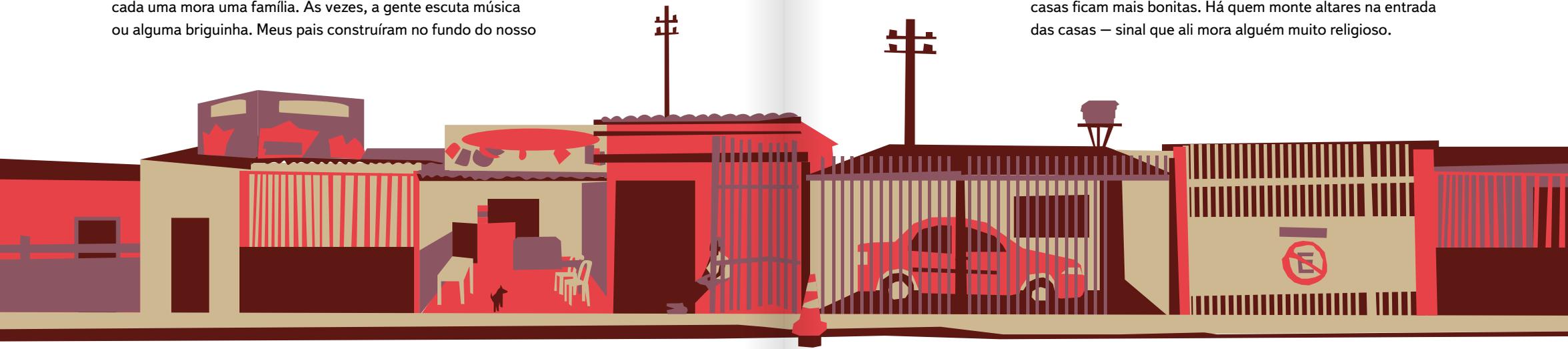
Há muitas formas de morar. Presto atenção em como os meus vizinhos moram. Dona Rosa abriu na sala de casa um salão de beleza, eu amo fazer as unhas com esmaltes diferentes. Teve uma época em que gostava de decalques, mas era muito infantil, agora gosto de esmalte escuro ou verde, azul, cores diferentes. Minha mãe vive revirando os olhos de me ver com as unhas pintadas assim, ela acha ridículo.

Dona Luzia, outra vizinha, mora em um lote com três casas, em cada uma mora uma família. Às vezes, a gente escuta música ou alguma briguinha. Meus pais construíram no fundo do nosso

lote uma casa onde mora minha tia e seus dois filhos. Gosto dos meus primos, mas meninos sempre pegam no pé da gente e às vezes fico com raiva e saio batendo portas.

A maior parte das casas é térrea, mas tem casa de dois andares e uma até de três, que é toda vestida de azulejos — acho que não será preciso mais pintá-la. Minha mãe acha prático, tenho minhas dúvidas, fico mais para o lado da minha avó porque ela diz que a gente pode se cansar. De todas as casas, a mais impressionante que conheço em Ceilândia é aquela que tem a frente todinha coberta de pedrinhas. Fiquei imaginando como deve ser difícil fazer isto, colocar pedra por pedra na fachada da casa — é um grande desafio! Deve ter uma forma mais simples de fazer isto....

São poucas as casas com jardins, a frente delas foi, na grande maioria, coberta com telhas e calçadas, dizem que é mais fácil para manter a casa limpa sem a terra dos jardins. Não há nenhum espaço para plantas nem na frente das casas e nem nos quintais. De vez em quando a gente vê um jardinzinho, mas eles são raros. O meu preferido tem canteiros de rosas. Muita gente coloca vasos no alpendre, isto faz muita diferença, as casas ficam mais bonitas. Há quem monte altares na entrada das casas — sinal que ali mora alguém muito religioso.



Uma coisa interessante são as caixinhas de correio, não demora muito e elas serão peças de museu, pois tudo agora é pela internet, até mesmo as contas. Por falar nelas, sempre levo bronca quando a de luz e a de água chegam, sou responsabilizada por causa dos meus longos banhos de chuveiro, com muita cantoria. Sonho em começar uma coleção de caixas de correio. Em Ceilândia tem um museu com coisas encontradas no lixo — que ideia curiosa!

Queria muito uma coleção de caixas de correio, sei que isso parece um pouco absurdo, mas acho essas caixas muito lindas, elas enfeitam os muros, são como brincos nas nossas orelhas. Depois, gosto de pensar na profissão dos carteiros e que eles e elas são as pessoas que devem mais conhecer a cidade, morro de inveja!

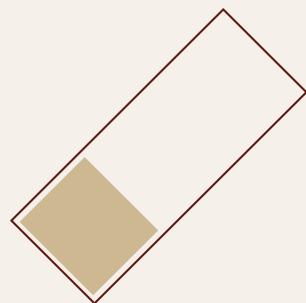
Minha amiga Victória me contou que na rua dela tem jogo de futebol, as partidas são bem disputadas e todo mundo fica superenvolvido jogando ou torcendo. Ela disse que sempre há uma briga para que o craque ou a craque do jogo seja aplaudido ou aplaudida. Haja disposição pra correr atrás de uma bola, eu gosto mesmo é de dançar!

Gente, gente, gente!!! Eu queria que tivesse um concurso de grafite das ruas de Ceilândia. Nossa professora de Artes explicou que os grafites são uma arte que não tem intenção de durar para sempre, ela é da rua, não é para o “Senhor Museu”. Isto é muito massa! Depois, os muros da cidade nunca são silenciosos, se prestarmos atenção, encontramos tantas coisas escritas neles: declarações de amor, poemas, protestos, daria para fazer outra coleção com as mensagens dos muros. Acho que são como recados deixados pelos moradores. Poderiam ser livros.

Agora, vamos ver quem está nas ruas?



Tipologia das casas da CEI

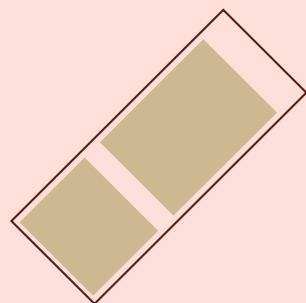


1971

Casa provisória no fundo do lote



Casa provisória em Ceilândia

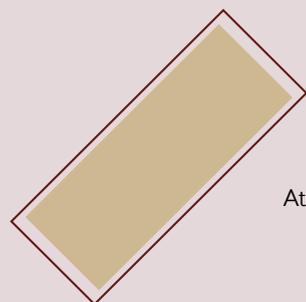


1990

Anos 90: Casa padrão SHIS

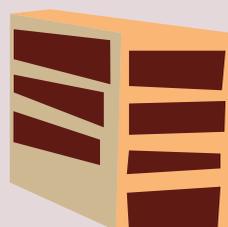


Casas de alvenaria no centro de Ceilândia



Atualmente

Ocupação Atual

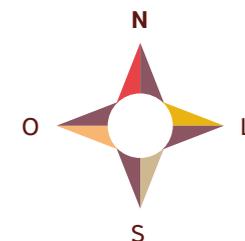


Edifício em Ceilândia

Fonte: Arquivo Público do Distrito Federal e Alana Waldvogel

Ruas da CEI

- Taguatinga
- Ceilândia Tradicional
- Setor O
- Guariroba
- Setor P Norte
- Setor P Sul
- Expansão do Setor O
- Setores N Norte e Sul
- Setor QNQ
- Setor QNR
- Setor Privê
- Sol Nascente
- Eixos principais do desenho inicial de Ceilândia
- Rua da Quadra QNM18 – Vista panorâmica (pág 60)

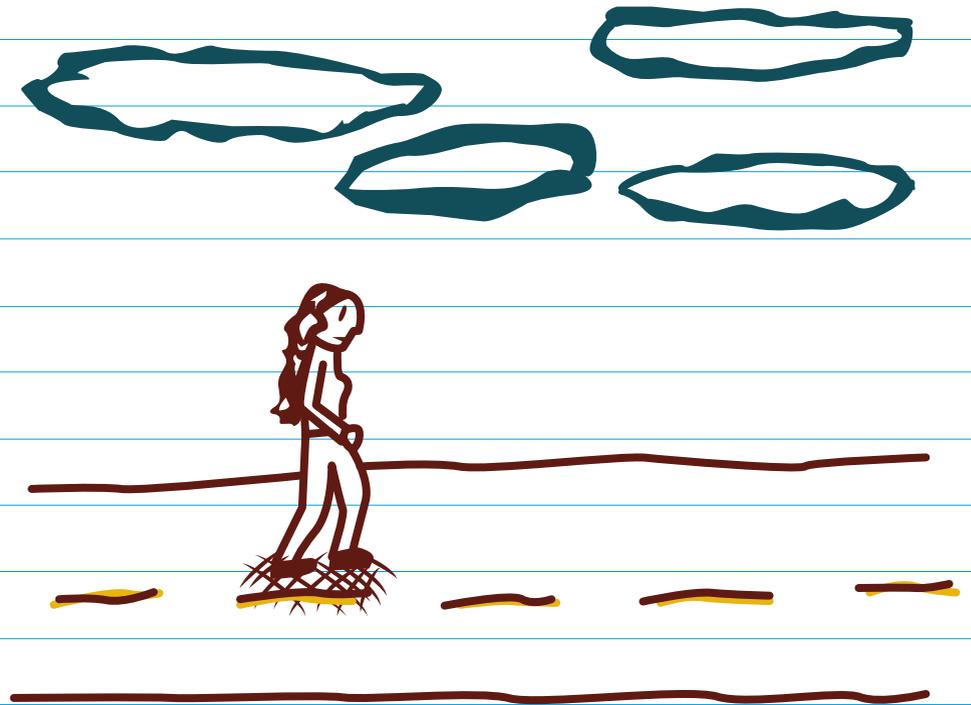




A CAMINHO DA ESCOLA

Hoje é terça-feira, minha trajetória hoje foi normal, um detalhe que não disse é que meu irmão vem com meu cachorro me buscar na escola. É bem legal porque eu e meu irmão ficamos conversando enquanto a gente vem pra casa... Às vezes a gente faz corrida, eu ele e o cachorro, ai acabo nem prestando atenção na rua, mas sempre percebo se tem alguma amiga minha no caminho paro pra conversar com ela.

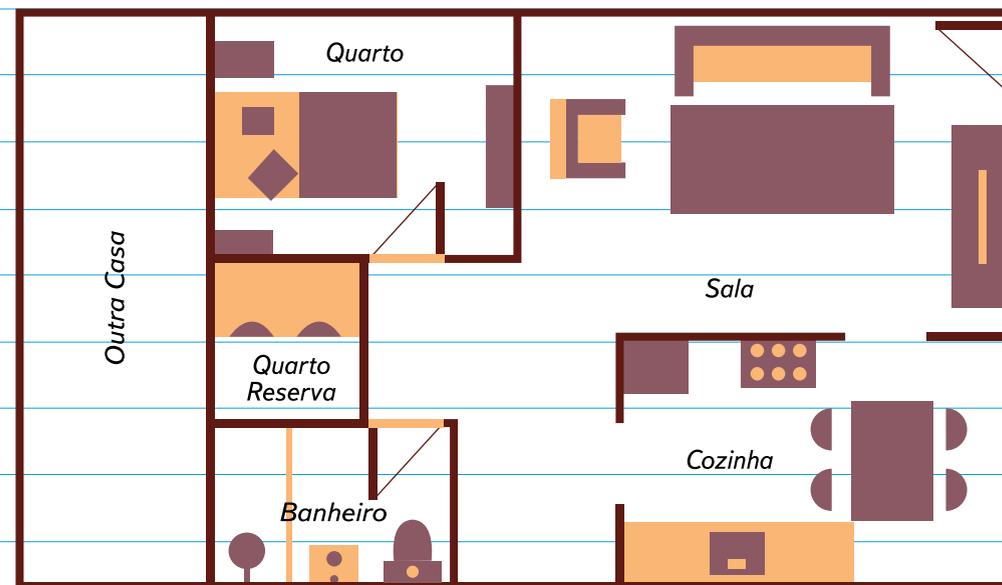
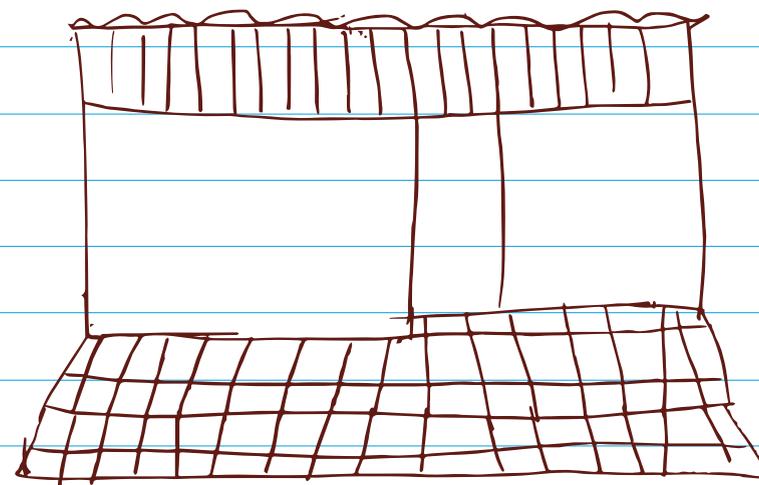
Depoimento e desenho: Ketlyn G.da Mata Pereira



COMO É ONDE MORO?

Bom, moro aqui desde que nasci, ou seja, já tem 14 anos que moro na mesma casa. Onde moro tem muitas pessoas. É uma casa até que grande, 4 quartos, 1 banheiro, sala e cozinha que, na verdade, se torna até pequena, pois moram outras 5 pessoas comigo: minha avó, meu avô, minha mãe, meu irmão, meu tio; na casa dos fundos moram mais 8 pessoas, minhas tias e os filhos delas, é uma casa de dois andares. Apesar deles morarem em outra casa, pois é nos fundos, eles vivem aqui e só vão para lá para dormir. Apesar de tudo, eu gosto, pois nunca estou sozinha, são todos minha família e eu gosto bastante deles. Moro na Ceilândia desde que nasci e gosto daqui; é grande, tem vários lugares para visitar, é uma cidade bonita e com pessoas legais, tem lojas, tem muitas festas, inclusive até a minha favorita, a festa junina. Para mim, o ponto ruim é a malandragem, mas isso tem em todos os lugares. Em um todo, gosto bastante de morar aqui!

Depoimento: Mariane Martinez Xavier

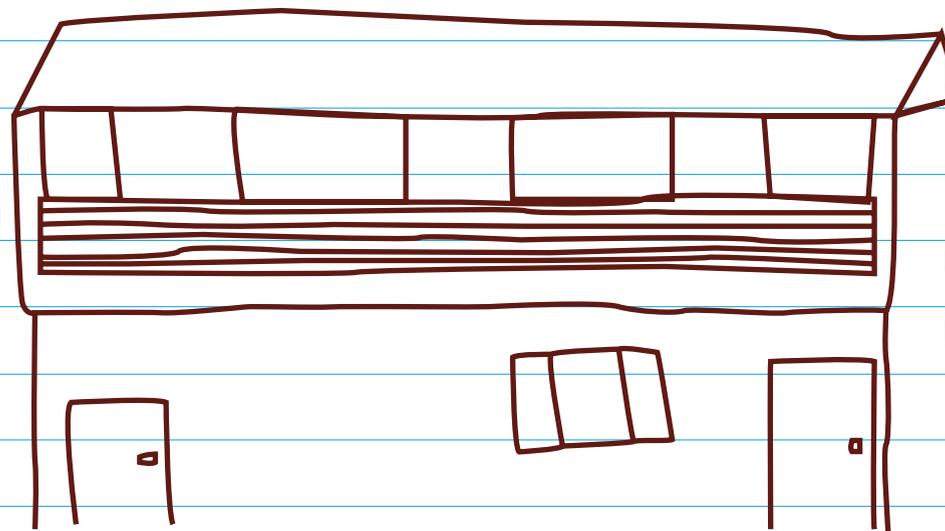


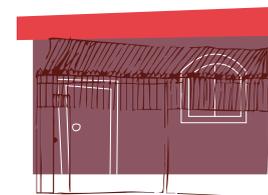
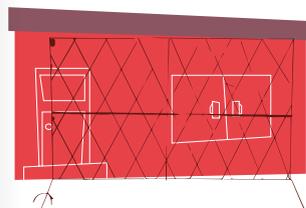
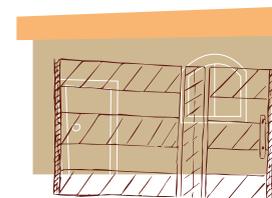
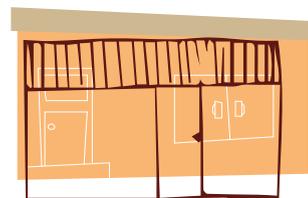
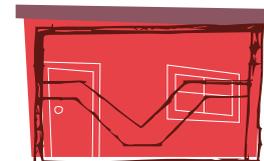
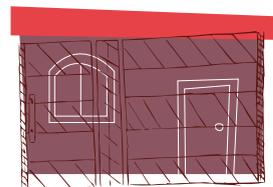
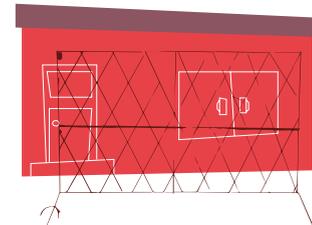
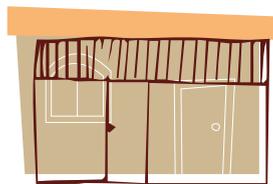
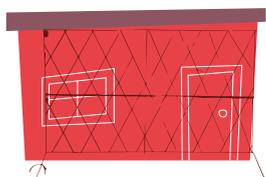
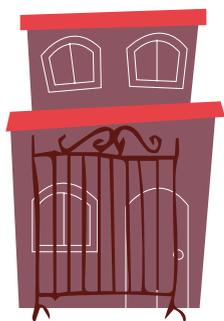
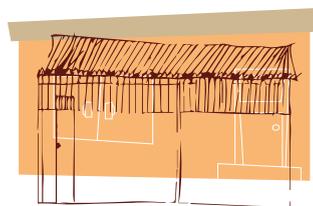
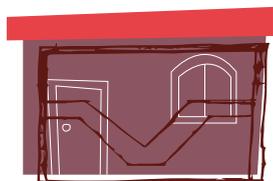
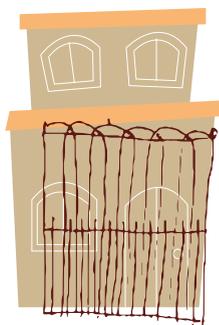
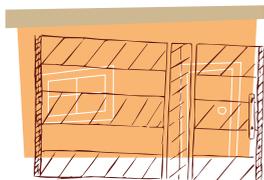
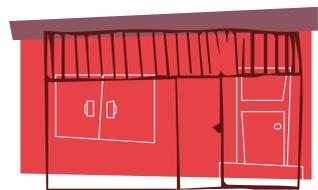
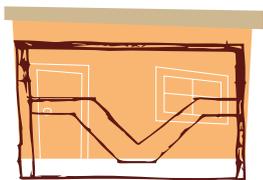
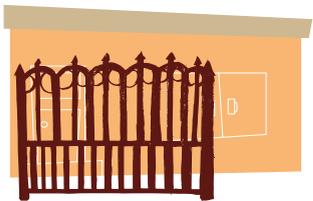
Desenhos: Fernanda Oliveira

MINHA CASA

A minha casa começou a ser construída na década de 1980, aqui na minha rua não tinha nem asfalto. A casa foi construída pelo meu tio avô que estava vindo de Goiânia junto com a sua esposa (minha tia avó). Aqui na Ceilândia eles tiveram dois filhos (um menino e uma menina) e seus filhos também estudaram na mesma escola que eu (CEF 19). Eles passaram com êxito aqui na escola e hoje a menina é formada em direito. No começo minha casa tinha um andar, aí depois meu tio avô construiu o segundo. Após isso ele dividiu os andares e alugou o primeiro e se mudou para o segundo e construiu o terceiro (lavanderia). Eu e minha família nos mudamos para essa casa em 2015. A minha parte favorita da casa é a sala e eu não sinto falta de nada na minha casa.

Depoimento e desenhos: Carlos Eduardo Ferreira e Silva



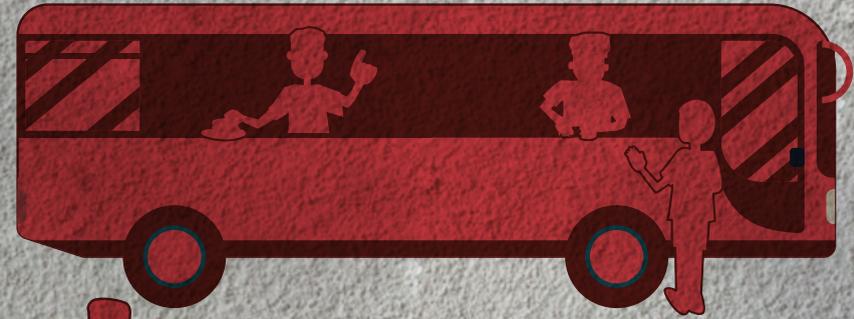


Desenhos dos portões:
Alunos do CEF 19



CAPÍTULO 4

Personagens



Pretos, brancos, pardos, mulheres, homens, crianças, velhos



— todo mundo é Ceilândia. Gente muito diferente, como diferentes são as pessoas no mundo. Sento na calçada de casa para ver as pessoas passarem: gordinhas, magras, altas, baixas — uma infinidade de gente. Como seria difícil se as pessoas fossem todas muito parecidas! Minha avó me diz que é preciso cuidar mais do que a gente tem dentro, do que vai no coração de cada um. Ela também insiste que a gente tem que se orgulhar de como é. Concordo! Verdade pura! Mas é claro que às vezes a gente fraqueja e fica insegura. Pinta o cabelo, muda a roupa, usa umas palavras diferentes e duvida do nosso lugar no mundo. Normal também! Nessas horas os conselhos dela e das minhas amigas me ajudam muito!

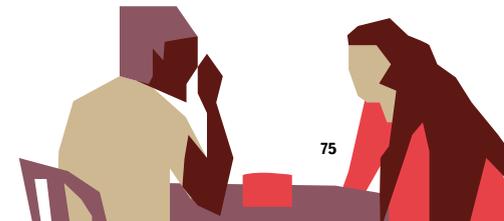
Há lugares em Ceilândia que são chamarizes para algumas pessoas, a frente da feira é um deles. Ali, durante todo o dia, formam-se grupos para jogar dominó. Acho que entendi como o jogo funciona. Algumas pessoas se sentam em bancos junto às mesas, outras ficam em pé. São todos homens, não sei se mulheres jogam, até hoje não vi nenhuma. O jogo é animado

e nervoso, tem gente que vibra e grita em voz alta. Também é um jogo veloz, pois atrás de cada jogador tem um outro que espera por sua vez. Ainda não sei exatamente como esta troca de jogadores se dá, mas vou descobrir. Em volta das mesas, reúnem-se vendedores de café e pequenos lanches, e os curiosos — claro!

No caminho da escola para casa, cruzo com ambulantes. Eles andam muito pela Avenida Hélio Prates. Vendem salgadinhos, sucos e cafés. A gente pode ver a criatividade das pessoas no arranjo de seus carrinhos — há muita imaginação nisso. Já vi carrinho de bebê levando caixas de isopor com biscoito e garrafas de café. Tem também aqueles que vendem artesanato e bijuteria, sentam-se na calçada do metrô e mostram suas mercadorias em panos abertos no chão, sempre fico interessada nas novidades. Minha mãe acha que sou muito perua, ri dizendo que pareço uma árvore de Natal, mas sempre compra uma coisinha ou outra quando me vê com olhos de quem está querendo muito aquela coisa.

Adoro o carrinho de cachorro-quente do seu Jerônimo. Cachorro-quente é muiiitooo bom! Agora o meu preferido é o ônibus dos 14 Irmãos. Ele circula pela cidade, e o cheiro dos sanduíches? Tem maionese, ketchup, mostarda e um molho especial. Este negócio de *foodtruck* virou *bustruck* — coisa original da minha cidade. Qualquer dia desses, vou fazer fotos desses carrinhos e gravar as vozes de quem vende seus produtos. Melhor: vou filmar estas pessoas no seu dia a dia. Tem gente que diz que Ceilândia é famosa pelo cinema, já vi filmes feitos por gente daqui — posso ser um talento, boas ideias não me faltam!

Falando de gente conhecida, meu pai quando fala dos rappers da Cei diz que eles colocaram a cidade no mapa do Brasil. Com isto ele quer dizer que os artistas da geração dele ficaram



muito conhecidos pela qualidade de suas músicas. GOG, Japão, Viela 17 são nomes que sempre estão circulando entre a moçada e os mais velhos, tipo meu pai.

Às vezes, nos meus caminhos pela cidade, vejo alfaiates, costureiras e sapateiros que trabalham nos puxadinhos de suas casas. A gente diz boa tarde, através das grades, e vai andando sem esperar pelas respostas, pois as pessoas nem sempre estão atentas, porque estão absorvidas pelo trabalho de pregar botões, alinhar e costurar roupas. Com menos frequência, vejo crianças brincando ou indo com a mãe para a escola ou acompanhando o seu cachorro. É uma pena que cada dia menos se brinca na rua — meu pai se recorda com emoção de seus tempos de infância e das peladas jogadas com os amigos.

Fico pensando nas gerações que fizeram e fazem a Ceilândia.... Os que vieram primeiro, os que já nasceram aqui, os que agora vêm estudar no campus da UnB, eu e meus amigos, os famosos, os vizinhos legais e os barulhentos. Todo mundo é parte da cidade. Minha avó lutou muito para levantar nossa casa e eu levanto o astral das praças com meus passos de hip hop e os desenhos que faço na calçada.



Desenho: Fernanda Oliveira



Mãe com crianças voltando da escola de bicicleta



Morador passando em frente ao CEF 19



Vendedor em frente à Feira Central durante a Copa do Mundo 2018



Ambulantes e pedestres na Av. Hélio Prates



Carroceiro e alunos do CEF19 próximos à estação Ceilândia Sul



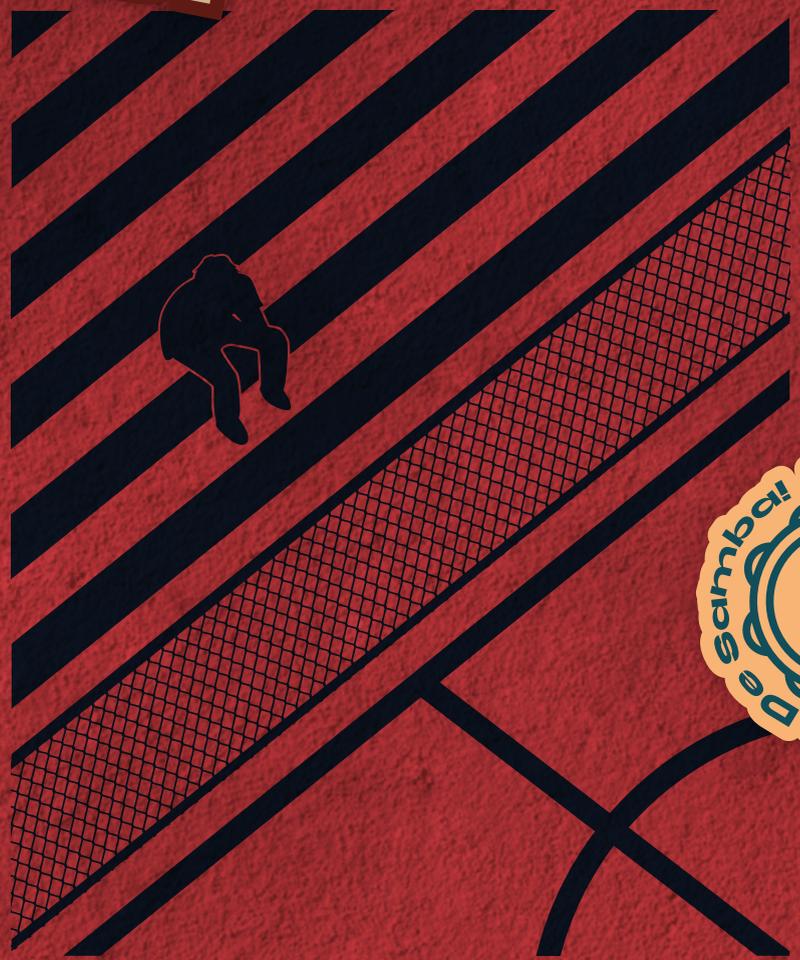
Jogadores em frente à Feira Central

Fotos: Alana Waldvogel e Julia Mazzutti

NVDD!



CAPÍTULO 5 →



**PRAÇAS E
JARDINS**

Se lembra da minha rua estreita e quase sem árvores?

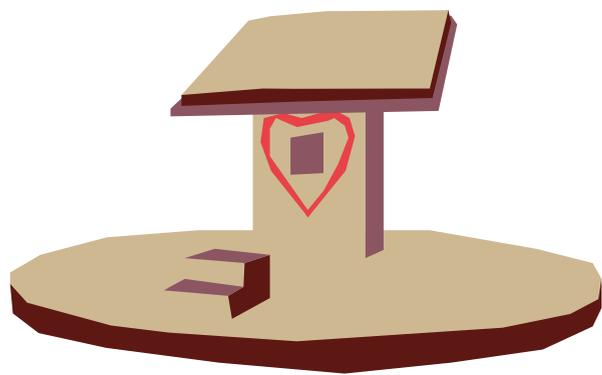


Pois é! Isto é mesmo ruim, principalmente quando é preciso caminhar até a escola ou ir ao mercado para a mãe em busca do tomate que faltou na hora do almoço. O sol rachando... Como gostaria que existissem mais árvores na Ceí, a cidade seria mais fresquinha. Antes que minha tia viesse morar com a gente, o quintal de nossa casa era livre. Tinha uma mangueira grande com uma sombra perfeita para se deitar embaixo (e claro, ela dava umas mangas deliciosas!). Gostava de brincar no quintal. No domingo meu pai acendia a churrasqueira improvisada e ali ficávamos o dia todo. No começo da Ceí, minha avó diz que quase todas as casas tinham quintal, que depois foram ocupados. Quintais com árvores... Mas a vida é dura e, se alguém precisa, a gente ajuda.

Vejo que, com pouco espaço, há pessoas que conseguem milagres: meu vizinho plantou um tomateiro no jardim e está cheio de tomates vermelhos; na casa da Ana tem uma horta em um cantinho de terra que sobrou. Tem cebolinha, coentro e até um pezinho de jiló que dá fruto de vez em quando. O jiló, Ana deixa para a minha avó, como eu, ela não gosta porque é muito amargo!

Agora que não sou mais criança e na minha casa não tem mais quintal, encontro meus amigos em outros lugares. Durante a semana, quando não tenho muito dever de casa, ou na sexta, dia de quase folga, encontro com o pessoal nas praças. Bem perto de casa tem a Praça do Trabalhador, onde fica o CEL⁶, minha escola de inglês. Depois da aula, encontro as amigas para fofocar um pouco, mas tenho horário para voltar para casa, senão minha mãe me esfolava viva! De vez em quando, meu pai me acompanha para ir à praça do P Sul, ela é mais distante de casa, mas tem uma boa pista de skate. Volto cansada, às vezes, com um roxo em alguma parte do corpo ou um bom esfolado que demora muito a criar casca.

Quem gosta de outros esportes vai para a Praça dos Eucaliptos — sim, ela é cheia de eucaliptos, tem cheiro de sauna! Nela, tem campeonato de futebol, gente andando de bike e skate também. Os meninos da minha sala sonham em jogar futebol no Ginásio Regional, mas isso só quando estiverem no ensino médio. Dizem que tem aula de handebol, artes marciais e vôlei. Os mais metidos a valente já vão logo pensando que serão lutadores de muay thai.



6. Centro Integrado de Línguas de Ceilândia

Na frente de minha escola tem uma praça grande, com um parquinho. Mas ela é descuidada, não tem bancos e tampouco árvores com sombra. É uma pena, poderia ser um lugar bem legal, até mesmo para aulas ao ar livre. Além disso, às vezes nela se reúnem gente meio por fora. Sonho que um dia essa praça seja modificada e os muros da nossa escola possam se abrir para ela — isto seria um sinal muito positivo de diminuição da violência urbana e de que as pessoas estão mais felizes, com os jovens construindo mundos mais pacíficos.

Gosto tanto de árvores que, vez ou outra, quando volto para casa, recolho folhas caídas, ponho para secar e colo nos meus cadernos e trabalhos da escola. Minhas amigas pegam no meu pé e dizem que sou mi-mi-mi. Nas minhas caminhadas, andei tirando algumas fotos, quer ver?



Praças da CEI

 Praça

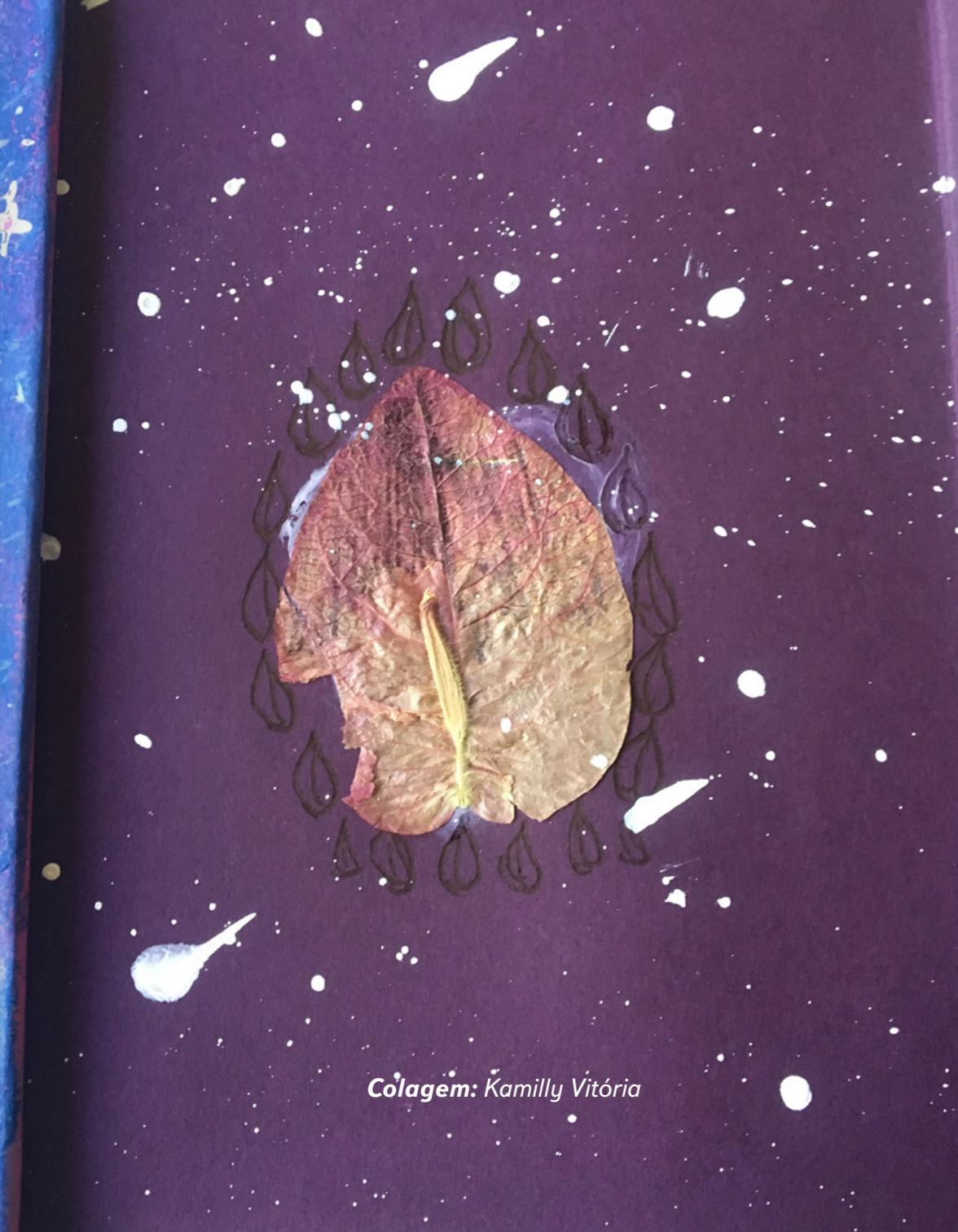
-  1 Praça do CEF 19
-  2 Praça do Estudante
-  3 Praça da Feira
-  4 Praça do Cidadão
-  5 Praça dos Eucaliptos
-  6 Praça da Bíblia
-  7 Praça do Trabalhador
-  8 Skate Park P Sul
-  9 Praça da QNR 4
-  10 Praça do Golfinho
-  11 Praça dos Direitos/Juventude
-  12 Praça do Nazareno
-  13 Praça da QNL 21/23
-  14 Praça QNQ 3
-  15 Praça da QNL 17/19
-  16 Praça Leonardo da Vinci
-  17 Praça da QNL 13/15



NO CAMINHO, UMA ÁRVORE TOP E UMA FLOR

Na terça sai atrasado para a escola, mas mesmo assim fui buscar meu amigo em casa antes de ir. A caminho da casa dele vi uma árvore top. A caminho da escola vi uma flor muito bonita, ela era rosa com branco. Mas nem deu pra tirar uma foto pois uma mulher pegou ela... Fiquei mó na bad pensando que nunca mais vou ver ela. Na quinta passei na casa do Pablo para irmos para a escola, só que chegamos muito cedo, então tivemos que ficar no sol esperando até portão abrir, ai ficamos no sol tomando uma coca.

Depoimento: *Thiago Yuri Sousa Dias Alves*



Colagem: Kamilly Vitória



Quadra de esportes na Praça do Cidadão



Canteiro central da Av. Hélio Prates

Fotos: Alana Waldvogel e Julia Mazzutti



Cruzeiro na Praça do Trabalhador



Área verde próxima às casas na Guariroba



Alunos do CEF19 desenham na praça próxima à escola

**TODO O ESTOQUE
EM PROMOÇÃO**

**PREÇO
IMPERDÍVEL**
CONSULTE O VENDEDOR!

**SUPERPROMOÇÃO
20%**

OFERTA
**ROUPAS
INFANTIS**

**VENDE-SE
DIN-DIN**

TEMOS: SARAPATEL * PASTEL COM CALDO DE CANA
BUCHADA * FEIJADA ÀS SEKTAS * PANELAS
MANTEIGA DE GARRAFA * PEQUI * CARNE DE SOL
CASTANHAS * DOÇES * PEIXES * GALINHA CAPIRA
MEL * ERVAS * ROUPAS DA MODA * CALÇADOS *
PELÍCULA PARA CELULAR * DVD * JOGOS * E MUITO MAIS!

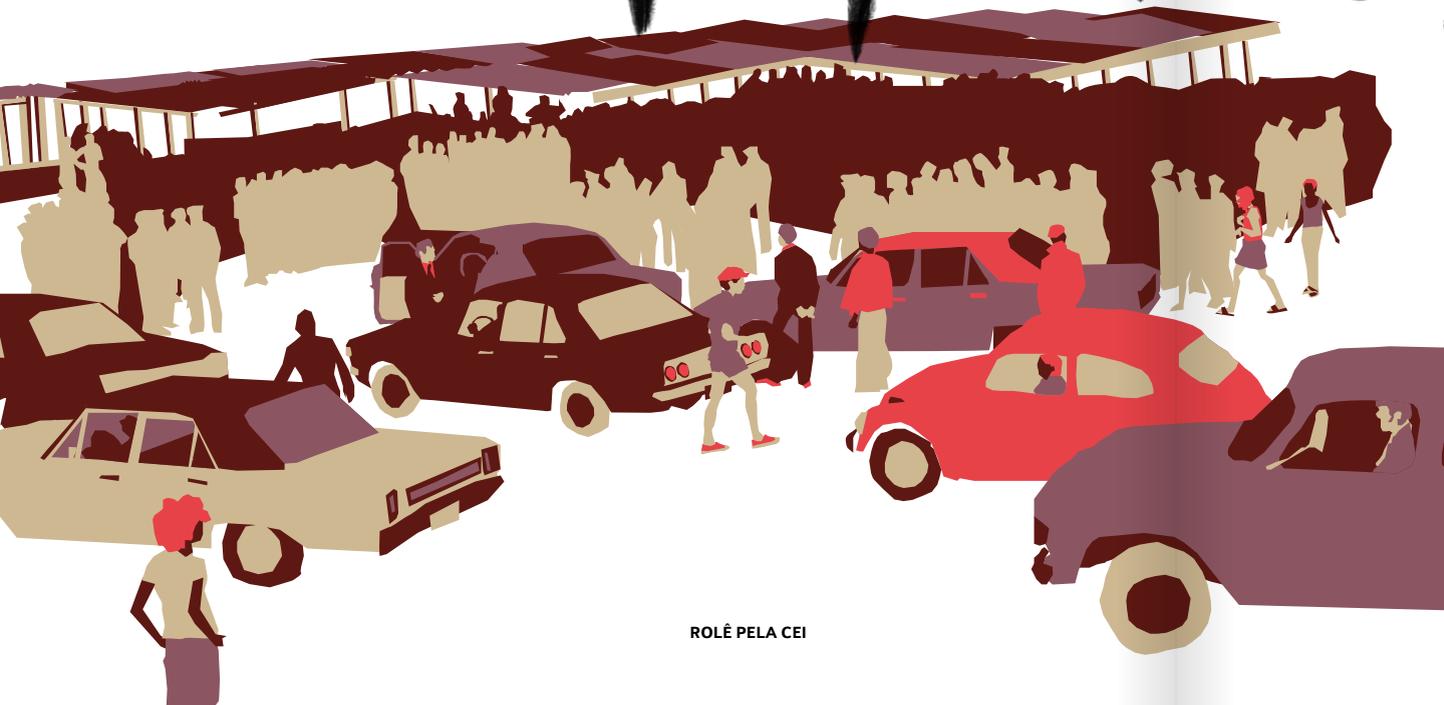
*** CAPÍTULO ***

6

**FEIURA
FEIURA**



A Feira Central de Ceilândia é muitas coisas numa só!



ROLÊ PELA CEI

No começo, a feira era na Avenida Hélio Prates (Sim! Foi minha avó quem me contou!). Um belo dia, um governador do DF resolveu fazer um prédio para ela. Então as bancas se organizaram no interior deste prédio. Todo mundo sabe que uma feira é um mercado, onde tem de um tudo. As feiras são muito curiosas e podem dar muitas pistas sobre as cidades. Se prestarmos atenção no que vendem, poderemos, com certa facilidade, reconhecer de que lugar são. Exemplo simples: se na feira há cuias de chimarrão, podemos chutar: ela é do Sul do País ou lá para os lados de Mato Grosso. Se o que estão à mostra são pequis carnudos e cheirosos ou a fruta do açaí ou a folha do jambu, estamos primeiro em Goiás e depois no Pará. As frutas e todas as comidas são sinais importantes e há sempre segredo no preparo delas.

O que não falta aqui em Ceilândia é feira! Eu e minha mãe perdemos a noção do tempo quando entramos nas feiras, principalmente na dos Goianos, a minha preferida, por causa

CAPÍTULO 6: FEIRA

97

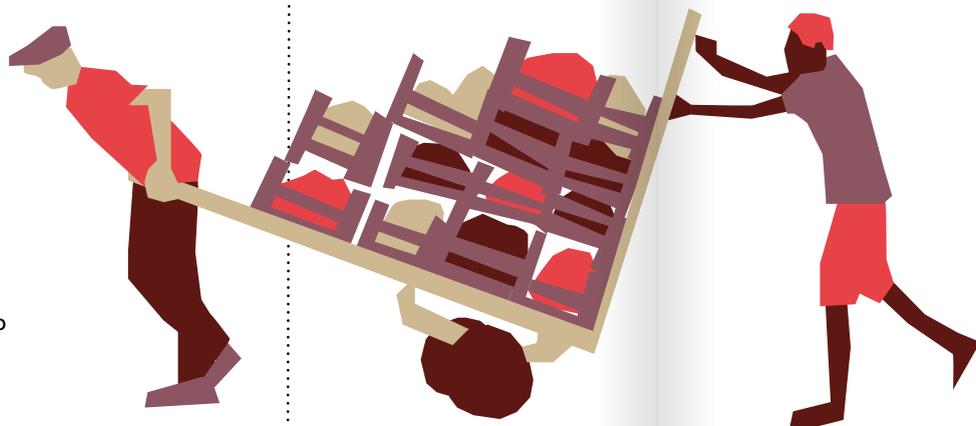
das roupas da moda e do bom preço! As ofertas de roupas são muitas, para falar a verdade, quando entro na feira, sinto uma espécie de confusão, posso me perder ali por horas e horas entre tantas coisas.

Na Feira Central da Ceí, a maior e mais conhecida, há roupas, frutas, verduras, manteiga de garrafa, queijo coalho, cuscuzeira, as mais variadas farinhas — de carocinho, fininha, lavada, de polvilho, de mandioca, de milho, de puba, baiana, maranhense, mineira. Tem farinha para todos os gostos de todo o Brasil.

Os restaurantes são de comida do Nordeste, como todos estão cansados de saber, Ceilândia é a cidade mais nordestina do Distrito Federal. Nas panelas gigantes fervem o sarapatel, o arroz com galinha, a buchada, a costela com agrião. Olhe só uma receita de sarapatel, que descobri a origem: ela vem de Portugal. Vamos ver, preste atenção!

INGREDIENTES:

Miúdos de porco
Limão (a gosto)
2 tomates
1 pimentão verde
1 pimentão amarelo
2 cebolas grandes
Cheiro verde picado
Coentro
Hortelã (a gosto)
2 colheres de pimenta-do-reino
4 pimentas de cheiro
Sal



Não é uma comida fácil de fazer, é trabalhosa e pode levar um bom tempo. O preparo é o seguinte:

Os miúdos de porco são lavados com limão, picados em fatias e postos para cozinhar em panela com água e rodela de limão. É preciso ferver duas vezes, trocando a água entre as fervuras.

Enquanto os miúdos fervem, em outra panela, coloque os tomates, pimentões e cebola e os refoguem com os miúdos, acrescentando um litro de água. Durante o cozimento, tempere com o sal e as pimentas, a hortelã e, por fim, o cheiro-verde e o coentro. Tudo deve ficar bem cozido, com os miúdos macios.

Para ser franca, não gosto muito de sarapatel, sou fã de cuscuz no café-da-manhã, com leite quente. Me dá muita energia!

Voltando à feira, ela também é um lugar de encontro de velhos conhecidos. Tenho que ter uma paciência de Jó⁷ quando vou com minha avó. Ela conhece todo mundo das bancas de comida, pergunta pela filha, pela neta, pela sobrinha da dona da banca. Dá notícias de nossa casa e me mostra orgulhosa: “Essa é minha neta!”. Me faz pagar um pouco de mico, porque me trata como se fosse ainda uma menininha. Descobri que as feiras são um lugar de informação e penso que antes a Feira Central de Ceilândia deveria ser muito mais divertida e cheia de fofocas. Agora, a cidade é grande e a vida não é mais de uma cidadezinha. Enquanto minha avó fica de ti-ti-ti com as amigas, escapo para ver as roupas. As vendedoras são pacientes (nem todas!) — mesmo quando sabem que não vou comprar.

7. Jó é um personagem bíblico, sua história está escrita no Velho Testamento, O livro de Jó. Bem resumidamente é assim: Jó era um homem rico e bom, tinha filhos e filhas. O demônio quis desafiar Deus por meio de Jó, provocando-o para que ele maldissesse Deus. Muitas aflições foram sofridas por Jó que resignadamente as aceitou com paciência. Depois de muitos sofrimentos, a pobreza, a perda dos filhos e a doença, Deus mostrou a fidelidade de Jó que venceu as provocações do demônio. Por esta razão, a gente usa a expressão: paciência de Jó.

Minha avó tem um fraco pela banca de ervas para tratar doencinhas tipo uma cólica, uma dor de cabeça ou um resfriado. As receitas e indicações da Selma, a filha da Corina, a primeira dona da banca de ervas, são tão detalhadas que fico bocejando para ver se ela desconfia e passa a ser mais resumida na explicação, que me lembra uma bula de remédios, sabe? Aprendi que o chá de camomila acalma as pessoas (tomo sempre antes da prova de Matemática); a carqueja é boa para a digestão (meu pai toma baldes de chá de carqueja quando abusa de comidas fortes); o poejo, chamado hortelãzinha, é bom para o peito cheio de catarro. A lista de ervas é enorme e tem remédio para tudo, só não para coração partido (hehehe)

Como em toda feira, a de Ceilândia tem pastel. Não se pode levar uma feira a sério se nela não houver uma boa banca de pastéis. Eu adoro pastel, acho que não deve existir quem não goste, ainda mais com tantos sabores diferentes para escolher!



ROLÊ PELA CEI

Apesar dos papos longos com as velhas amigas, gosto de ir à feira com a minha avó, faço companhia para ela e sempre consigo convencê-la de me pagar um milk-shake! Que espantosa é a banca das panelas! Tem de todo tipo que você possa imaginar. A mais criativa é a cuscuzeira, você já viu como é bem bolada esta panela? Concoo uma coisa engraçada: um dia resolvi fazer cuscuz. Molhei a milharina, coloquei uma pitada de sal e preparei a panela. Era a primeira vez que me arriscava no cuscuz. Fui colocando a massa na parte de cima da panela e apertava com força com uma colher, achando que o certo fosse assim. Tudo no capricho e a panela foi para o fogo! Já imaginava o cuscuz quentinho para com café. Ouvia a água ferver e, de repente, a parte de cima da panela pulou feito uma bomba e foi para o chão. Levei um susto! Concoo para minha avó que começou a rir, me explicando que não se aperta a massa do cuscuz porque quando a água ferve, ela faz pressão e empurra a parte de cima da cuscuzeira. Felizmente, só perdi o meu cuscuz e não me queimei. De qualquer forma, deixo o meu conselho para sempre se ter cuidado na cozinha, lugar de muitos riscos: faca, fogo. O meu caso foi hilário!



CAPÍTULO 6: FEIRA

Feiras da CEI

- 1** Feira Central de Ceilândia
- 2** Feira do Produtor e Atacadista de Ceilândia
- 3** Feira do P Norte
- 4** Feira da Guariroba
- 5** Feira do Setor O (Feira do Rolo)
- 6** Feira do P Sul
- 7** Feira dos Goianos



Alunos do CEF 19 na Feira Central de Ceilândia



Fachada da Feira Central de Ceilândia



Bancas da Feira Central de Ceilândia



Letreiro principal da Feira Central de Ceilândia



Jogadores e moradores em frente à Feira Central de Ceilândia



Feira do Artesão



Fotos: Alana Waldvogel e Julia Mazzutti

CAPÍTULO 7



Apreendi com meu pai o gosto pelo RAP!



MC Japão, GOG e o Viela 17 são nomes que estão na minha casa e músicos que escuto desde pequena porque eles são da geração do meu pai. Nasceram em Ceilândia. Meu pai explica que eles cantam a vida da cidade. Ouvi falar que o movimento hip hop, com o rap, a dança e o grafite nasceram nos Estados Unidos, mas cada lugar dá a sua contribuição – Ceilândia deu a sua. Os amigos do meu pai se gabam dos rappers, dizem que os mais famosos do DF são daqui. Gosto do jeito como, em cima de uma batida forte, falam sobre tudo.

Seu Antônio, nosso vizinho, me contou que aqui na Cei esse jeito de falar sobre a vida e a cidade começou antes do rap. Segundo ele, o início dos cantos sobre a cidade foi com o repente, música e poesia do Nordeste. Seu Antônio é divertido e muito inteligente, ele canta um repente e depois, com a mesma letra, o transforma em rap. As rimas e a batida vão surgindo para contar as histórias. Os dois tipos de música sustentam-se no improviso e sempre rola uma batalha, um desafio, entre os cantores!

O repente é muito importante para o seu Antônio que, menino pequeno, escrevia com carvão poesias nas calçadas de sua cidade natal. Como muitos, veio para a capital trabalhar e buscar oportunidades para seus filhos. Ele expressa no seu canto suas memórias, mas não são só as dele, mas a de muitos que têm histórias semelhantes. Acho que a gente pode dizer que são memórias compartilhadas de muitos moradores da Ceilândia. Por esta razão, por ser importante, fortemente nordestina, e expressar os sentimentos de muita gente, é que se fez na nossa cidade a Casa do Cantador. Esse prédio é bem diferente, os repentistas da cidade fizeram dele um ponto de encontro.

As batalhas de rap são “netas” dos desafios dos repentes. O festival *Cei My Name* tem batalhas muito profissionais. Acontece em frente à Casa do Cantador e reúne diferentes gerações. Durante esses encontros, o incrível é observar como as palavras vão ganhando corpo e dando as mãos umas às outras para formar cirandas de alegria ou de protesto. Vão falando da vida, de nossa história. Me emociono, sinto arrepios.

As batalhas são muito comuns nas praças de Ceilândia. Na Praça do Cidadão, por exemplo, tem uma toda semana, em frente ao Centro Jovem de Expressão. Esse centro reúne crianças e jovens de todos os setores! Os prédios estavam abandonados e os jovens se apropriaram deles. É um trabalho muito bonito porque nele são oferecidas muitas atividades: aulas de dança, música, desenho, grafite, esportes, tem também uma sala de informática e uma biblioteca para nos ajudar nos trabalhos da escola. Mas, quando preciso de livros para um trabalho da escola mais complicado, vou à Biblioteca Mario de Andrade, no Centro Cultural da Cei. Ainda no Jovem de Expressão, criaram uma galeria de arte de artistas da cidade. Um dia desses, eu e Kelly vimos um artista fazer um grafite na parede - era uma coroa toda dourada, com várias cores à sua volta. O grafite virou fundo para nossa selfie de melhores amigas.

Dança e música, minhas atividades preferidas! Me lembrei de outra coisa importante na Cei: são as quadrilhas e o São João do Cerrado, a maior festa junina do DF! Vou todo ano, gosto das comidas, da decoração e de encontrar a galera. A apresentação das quadrilhas é um espetáculo. Eles ensaiam o ano inteiro! A competição é acirrada e inclui tudo, música, dança, figurino.... As quadrilhas são levadas a sério. Minha prima, bem mais velha do que eu, moradora do P Norte, dança todos os anos, ela é sempre a noiva na quadrilha. A festa é tão importante que Marta - este é o nome de minha prima - tem uma rotina impressionante. Ela acorda cedo, vai para o Plano Piloto trabalhar, volta para casa, cuida de sua filhinha, dá banho, comida, brinca. Quando a menina dorme, ela vai para o ensaio da quadrilha lá pelas dez horas da noite. O marido dela fica em casa, não gosta de dançar. Ele nem ousa dizer não, porque as quadrilhas são a paixão de Marta. Tem um velho ditado que diz: Quem canta seus males espanta, acho que para minha prima é quem dança seus males espanta! E como são lindos



os vestidos das quadrilhas! Se o Rio de Janeiro tem escola de samba, Ceilândia tem quadrilhas que competem entre si.

Fico muito feliz quando vejo um grafite novo em algum muro perto da minha casa. Muita gente não gosta. A Cláudia, que mora na casa da esquina, acha que eles estragam a cidade... eu entendo seu ponto de vista, mas gosto dos grafites! Adoro pensar em como a galera manda bem fazendo desenhos e palavras tão grandes, com formas e cores tão diferentes. Eles usam várias palavras conhecidas por nós ou fazem desenhos que os moradores do setor entendem — tipo um código, sabe? Sempre faço letras e desenhos semelhantes a esses nas capas dos meus trabalhos da escola. Penso que alguns desses grafites poderiam estar no museu junto com as minhas caixas de correio.



Mudando de assunto, quando vou ao Skate Park do P Sul, filmo a galera e suas manobras! O skate reúne muita gente em muitos lugares da cidade. O visual da gente do skate é legal: tênis, boné, camiseta e bermuda. A roupa é um código de identificação. Mas, eu sou meio vira-folha, me visto conforme a ocasião. Faço foto, vídeo, stories, tik tok... Já pensei em um canal na internet para colocar tudo que filmo sobre o skate e os skatistas.



Róbsom Mindú é um artista que viveu em Ceilândia, ele coleciona as palavras da cidade, escreve todas elas em papéis coloridos e guarda numa caixinha forrada de azul. Um dia me mostrou o conteúdo da caixinha, encontrei palavras que eu e minha turma usamos! Muitas você já deve conhecer, vamos ver?⁸



⁸ As palavras relacionadas foram catalogadas pelo designer Róbsom Aurélio Soares de Lioiola para esta publicação. Ex-morador de Ceilândia, Róbsom é artista.

ADM = Administração Regional de Ceilândia ♥ Bíblia = Praça da Bíblia * Breu = caminhos no

Véi

Oxe

escuro percorridos a partir da estação de metrô rumo a Praça da Bíblia ☹️ Castelo de Grayskull =

Construção abandonada repleta de grafite, onde, às vezes ocorriam eventos. Hoje foi reformado e

agora abriga a Praça da Juventude com quadras, espaços para eventos e pista de skate • Cei Norte

Pô

↳ Cei Sul × Centro ♥ Chaparral ou Tailândia = QNL área entre Ceilândia e Taguatinga * Expansão

Mina

= Expansão do Setor O ☹️ Feira do Priquito = Feira Permanente do Setor O • Fêra = Feira ↳

Mano

Golfinho = Praça ao lado do Projeto Golfinho, vizinho ao CEM 04 × Morro da Fumaça = QNP 30

Massa

♥ Morro do Galo QNMB Ceilândia Norte * Palco = Elevação em Taguatinga, porém, considerada

como parte da Ceilândia, sendo voltada para a QNM 23 da CEI Sul, a referência e a Rodoviária

Boto Fé

Cara

de Taguatinga ☹️ Setoró ou Setor Bolinha = Setor O • Zoca = Parque dos Eucaliptos

GLOSSÁRIO DE EXPRESSÕES DA CEI

Bagulho: qualquer coisa

Ex: Pega aquele bagulho

ali pra mim?

Dar pala: rir muito

Ex: Dei pala ontem.

Dona: menina

Banda: lugar tranquilo/vazio

Ex: Aquela casa tá banda.

Ex: Aquela dona é gata.

Esparro: fofoca

Charlatar: dar em cima

Ex: Ontem o Paulinho me

charlatou.

Ex: Tenho um esparro da Bruna.

Frevo: festa

Ex: Amanhã vai ter frevo.

Cabuloso: serve para

dar ênfase em algo

Ex: Tô brabo cabuloso.

Idea: concordar com algo

Ex: — Hoje tá frio — Idea.

Marcar um dez: esperar

Ex: Tô indo aí, marca um dez.

Moss: falar com alguém

Ex: E ae moss.

Paia: chato/sem graça

Ex: O frevo foi paia.

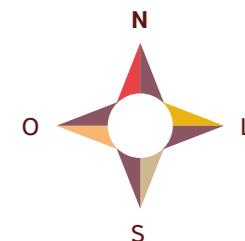
Turrar: irritar

Ex: Para de me turrar.

Pesquisa: Kelly Silva Rabelo

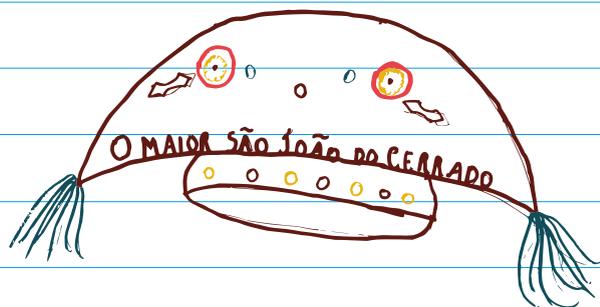
Pontos Culturais da CEI

- 1 Praça do Cidadão – Jovem de Expressão
- 2 Feira Central de Ceilândia
- 3 Caixa d'água
- 4 Centro Cultural e Desportivo de Ceilândia
- 5 Sesc Ceilândia
- 6 São João do Cerrado
- 7 Casa do Cantador
- 8 Museu da Memória Viva de Ceilândia
- 9 Skate Park P Sul
- 10 Museu da Limpeza Urbana SLU



O PALÁCIO DA POESIA DE CORDEL

Minha Ceilândia é uma ótima cidade satélite, com várias misturas culturais e étnicas. Aqui na Ceilândia temos uma grande festa cultural chamada São João do Cerrado, que atrai pessoas de outros locais - até os moradores daqui passam a ver essa festa e acabam conhecendo Ceilândia. Ceilândia também é reconhecida como o abrigo dos nordestinos no DF, temos como características principais os elementos típicos da cultura nordestina. Ceilândia é a única cidade do DF que conta com um monumento arquitetônico do Oscar Niemeyer, além do Plano Piloto. É a Casa do Cantador, um dos grandes orgulhos



Desenho: Maria Eduarda Maciel Pereira

da cidade, é considerada como o palácio da poesia da literatura de cordel. Mas Ceilândia não respira apenas ares nordestinos... Considerada uma grande “favela” até se tornar uma região administrativa do DF em 1989, Ceilândia é jovem, multicultural e palco para a força de expressão da cultura hip hop. Dá para ver as manifestações por toda a cidade com os grafites e também na música que é o rap e os próprios moradores que cantam.

Depoimento: Thiago Yuri Sousa Dias Alves



Desenho: Kelly Silva Rabelo

Skate Park P Sul



Grafito nas paredes da galeria Jovem de Expressão



Fachada Jovem de Expressão



Grupo de Hip Hop

Fotos: Alana Waldvogel,
José Airton Costa Junior e
Julia Mazzutti

Decoração do Maior São João do Cerrado



Grafito na galeria Jovem de Expressão





**O MAIS BONITO
É A ÁGUA QUE
SE BALANÇA NOS OLHOS.
PODE SER ALEGRE
OU PODE SER TRISTE.
É TÃO TRANSPARENTE
MAS PODE ENCARDIR-SE
NA LAMA DAS ENCHENTES.
TAMBÉM PODE LAVAR
A ALMA DOS QUE BUSCAM
AS CACHOEIRAS.
ÁGUA, SACIE
MINHA SEDE DE VIVER!**

Márcia Metran De Mello



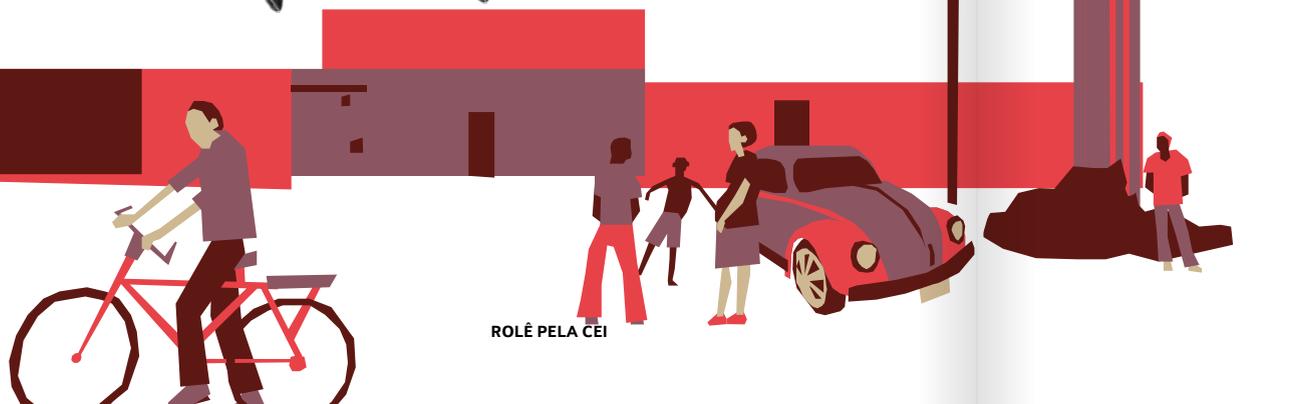
**EU
CEI**



CAPÍTULO 8



Por que uma caixa
d'água se torna um
símbolo da
cidade?



Esta pergunta me perseguiu por muito tempo, porque vi gente que tem tatuado no corpo a Caixa d'Água da Ceilândia. Não encontrava resposta para a pergunta até minha avó me contar das dificuldades do início da cidade com a falta de água. A história mais incrível foi o caso de uma mulher, sua conhecida, muito, muito valente. Ela imita a voz forte dessa amiga e conta que a falta d'água fazia com que as mães dessem banho em cinco e até seis filhos numa bacia só, começando sempre com o menorzinho. Um dia, esta amiga, furiosa com a situação — não era para menos, o abastecimento de água às vezes se fazia com intervalo de até oito dias — resolveu ir à Caesb. Foi falar com o chefe que logo lhe respondeu que em Brasília, com isto querendo dizer o Plano Piloto, no começo da cidade, também não tinha água. Foi a fagulha que faltava para o circo pegar fogo. Essa amiga da vó respirou fundo e respondeu na cara do chefe: “Olha aqui, meu senhor, o senhor fala isto porque a falta d'água não é na sua casa e nem são seus filhos que sofrem”. De imediato, o homem tomou a resposta dela como uma ameaça e foi logo botando banca. Mas ela, sem qualquer temor, disse ter ido na Caesb para resolver os problemas da falta de água dela e da cidade e que ficaria lá

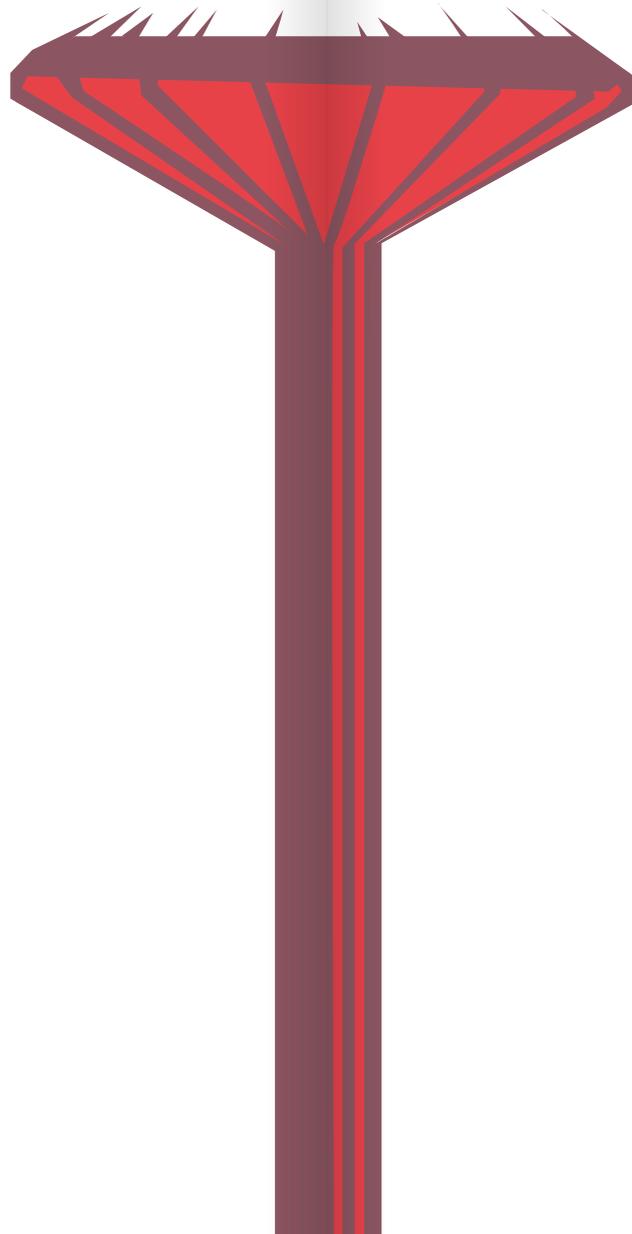
até que ele tomasse uma medida. Foi o bastante. Temendo a presença daquela mulher, o homem foi ficando amarelo e perguntou onde ela morava. Chamou um auxiliar e pediu que providenciasse água. A mulher voltou de carona no caminhão-pipa e a água foi distribuída entre muitas pessoas. Coragem é coragem!⁹

Por esta história e por muitas outras que a ela se juntam, vê-se bem o porquê de uma caixa d'água virar um símbolo da cidade e tatuagem nos braços de muita gente. Sua imagem tem a força de provocar lembranças partilhadas da construção de Ceilândia. Não é preciso ser um edifício bonito como aqueles do Eixo Monumental para que uma coisa se torne um símbolo — se bem que acho que a Caixa d'Água fica linda quando o sol se põe atrás dela. Acredito que ela ficaria ainda mais bonita se pudéssemos ter um parque a sua volta, com árvores e lugares onde pudéssemos nos sentar. Os edifícios elegantes do Eixo Monumental têm também seu significado e estão ligados à história da capital — digamos que contam um lado da história, por sua vez, a Caixa d'Água de Ceilândia conta outro lado.

Entendi o que é um patrimônio, esta palavra-camaleão. Todas as palavras são assim, né? Seus significados nunca são fixos, eles se movem e mudam quando estão acompanhadas de outras palavras. As palavras são de elástico. Me lembro que a professora de Português nos falou de um poeta mato-grossense que dizia preferir as palavras que tinham a barriga no chão, como sapo e pedra. Acho que ela tem um fraco por esse poeta, o nome dele também é feito de palavra com a barriga no chão — Geraldo de Barros.

Como dizia, é difícil entender a palavra patrimônio, esse assunto foi tratado nas aulas de História da Arte. A *profe* esclareceu o seguinte:

9. SILVA, Antônia Alves da. Depoimento - Programa de História Oral. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 28p



1. *Um patrimônio é um bem compartilhado por muitas pessoas, que nele reconhecem um significado especial. Diz coisas sobre a vida de todos. Como é o caso da nossa Caixa d'Água. Então o Raiã perguntou se nossa Caixa d'Água tinha importância para os moradores de Sobradinho. A professora se apressou em dizer que nem sempre o que é um bem para um grupo de pessoas é também para outros.*
2. *O patrimônio, segundo a teacher, pode ser natural ou cultural. O natural são os parques, as reservas, os rios e por aí vai.... O patrimônio cultural é o que é feito por homens e mulheres, e ele pode ser de coisas ou de lendas, crenças comidas - daí a distinção entre um patrimônio material e outro imaterial.*

Quanto detalhezinho... Me lembro ainda de uma explicação espantosa. A professora nos disse que, no Japão, há pessoas que são consideradas patrimônio. Porque elas sabem coisas que quase ninguém mais sabe. Um exemplo são os construtores de templos em madeira e que erguem o edifício sem usar um único prego. Fiquei pensando que Dona Corina, aquela dona da banca de ervas, poderia ser também um patrimônio vivo. Será?

O assunto do patrimônio, embora seja complicado, é importante. Quando comparamos Ceilândia e Plano Piloto, vemos que há uma diferença muito grande no que se considera patrimônios da cidade. Vi um dia desses que assim como os jovens da Ceilândia tatuam a Caixa d'Água, a moçada do Plano faz tattoo da Catedral, da Torre de TV, do mapa da cidade. É uma forma de dizer sou da Ceilândia, sou do Plano!

Gosto de tatuagens, mas tenho medo de agulha! Confesso: sou medrosa! Mas só com estas coisas, porque se não tivesse água em casa também iria brigar como a amiga da minha avó. Disto estou certa! E se encontrar uma minhoca gigante saindo da terra, vou gritar por socorro!

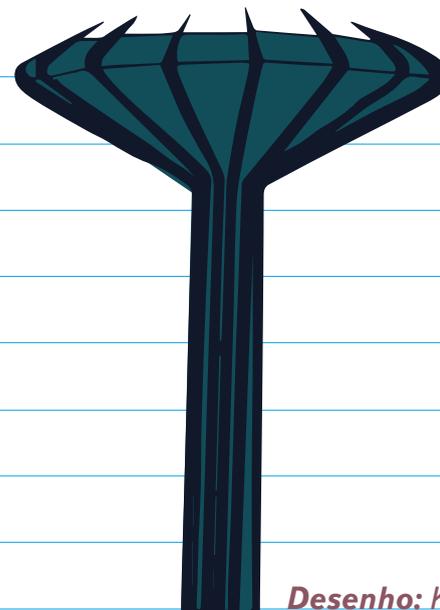
NO CENTRO, UMA CAIXA D'ÁGUA

Vimos também a caixa d'água, um lugar que chama muita atenção pelo tamanho e forma, e fica ainda mais bonito quando o sol está se pondo.

Depoimento: *Izabela Bonifácio Arantes*

Quando chegamos na caixa d'água lembrei que minha mãe contou que uma vez a caixa d'água caiu e a água foi parar lá na Ceilândia Sul. Em frente a caixa d'água fica o centro e a Feira de Ceilândia. Tinha vários caminhões perto da caixa d'água. Vi alguns senhores jogando carta.

Depoimento: *Victoria Lorrane Rodrigues Silva*



Desenho: *Kelly Silva Rabelo*



Desenho: *Jeovanna Goveia Chaveiro*



Desenho: *Victoria Lorrane Rodrigues Silva*



Trânsito em frente à Caixa d'água de Ceilândia



Vista da Caixa d'água de Ceilândia



Trânsito e comércio informal nos arredores da Caixa d'água

Fotos: Alana Waldvogel e Julia Mazzutti

Gratidão

CHAMA!

CAPÍTULO 9

TCHAU ALUGUEL



ADQUIRA JÁ SUA CASA PRÓPRIA



A RUA É NOIZ



UM MAPA COLABORATIVO



0 100 km



Foi muito bom
te guiar pela
minha cidade.

E quanta coisa conversamos! Falar da própria cidade é falar também de si mesmo. Nela, há sempre um pedacinho da gente, dos nossos pais, avós e amigos. Uma cidade é um grande baú de histórias, é uma construção de muitas mãos e de muitos tempos. Nunca conseguimos conhecê-las por completo. Há cidades milenares, há cidades novas que, um dia, serão velhas e terão ruínas. Sobre todas elas, pairam outras, aquelas que são filhas de nossos desejos e com as quais sonhamos. Talvez, esta seja a cidade mais poderosa, porque ela nos impulsiona a construir o futuro — sempre penso que este futuro será melhor, mesmo sabendo que a vida não é um mar de rosas, isso é papo de gente ingênua.

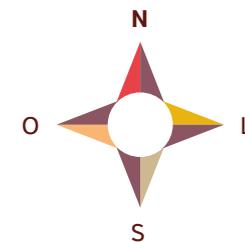
A propósito, meu nome é **Gabrielly**, dizem que tenho os maiores olhos do mundo!

As folhas seguintes são para que você nos ajude a completar este guia de Ceilândia com suas percepções sobre a cidade. Se precisar de algumas sugestões, aqui estão algumas: Por que não começar entrevistando o mais antigo morador de sua rua para saber como ela se transformou? Que tal desenhar todas as caixinhas de correio que estiverem no seu caminho de casa para a escola? Ah, tem ainda coisas interessantíssimas, se lembra de quando falamos sobre os escritos nos muros da cidade, não seria lindo fazer uma lista deles? Você também pode desenhar o que achar curioso, escrever um rap, fazer um poema, escrever um enredo para uma quadrilha e desenhar todas as roupas... E claro, marque no mapa onde fica a sua rua, sua casa, sua escola, seus lugares preferidos da cidade! As opções são muitas e você pode discutir com seus professores suas boas ideias. O mapa e a cidade são nossos!

Meu Rolê pela CEI

Use os ícones abaixo para marcar no mapa sua casa, sua rua, sua escola, seu lugar preferido e os outros locais da sua CEI

- | | |
|--|---|
|  Casa |  Praça |
|  Rua |  Jardim |
|  Escola |  Ponto Cultural |
|  Feira |  Lugar Preferido |



Casa, Rua e Escola

**VOCÊ CONSEGUE ACHAR NO MAPA SUA CASA,
RUA E ESCOLA?**

**E QUE TAL DESENHAR A SUA CASA E AS COISAS
INTERESSANTES DE SUA RUA?**

■ Feiras

**ACHO QUE SERIA BEM BACANA MARCAR AS FEIRAS QUE
VOCÊ CONHECE PARA COMPLETAR O SEU MAPA DA CEI.**

**SERIA GENTIL DE SUA PARTE DESENHAR OS PRODUTOS
ENCONTRADOS NESSAS FEIRAS. VAMOS LÁ!**

Praças e Jardins

ONDE ESTÃO SUAS PRAÇAS PREFERIDAS?

**JÁ PENSOU EM FAZER UMA COLAGEM COM AS
FOLHAS E FLORES DE SUAS PRAÇAS?**

▲ Pontos Culturais

**QUERO CONHECER TODOS OS LUGARES QUE VOCÊ
GOSTA DE IR! PODERIA MARCÁ-LOS NO MAPA?**

**AGORA FIQUE Á VONTADE PARA NOS MANDAR
UM RECADO. OBRIGADA!**

Referências Bibliográficas

ALBERTI Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2005.

_____. **Ouvir Contar**: textos em História Oral. Rio de Janeiro: editora da FGV, 2004

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Tradução de Márcia Cavalcanti. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

_____. **Espelhos da cidade**. Tradução de Rejane Janow. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2005

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano I**: as artes do fazer. Tradução de Ephraim Alves Costa e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de, GIARD, Luce & MAYOL, Pierre. **A invenção do cotidiano II**: Habitar e cozinhar. Tradução de Ephraim Alves Costa e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1994

COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: 34/ SESC SP, 2018.

DERNTL, Maria Fernanda. Além do plano: a concepção das cidades-satélites de Brasília. **ARQUITEXTOS (SÃO PAULO)**, v. ano 19, 2018.

FERREIRA, Marcílio Mendes; GOROVITZ, Matheus. **A Invenção da superquadra**. Brasília: Iphan; Superintendência do Iphan, Distrito Federal, 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2013.

INGOLD, Tim. **The Perception of the Environment**: Essays on Livelihood, Dwelling and Skill . Londres; Nova York: Routledge, 2011.

LEONEL, Elisa. **Gabriel em Brasília**. Brasília: Iphan, 2015.

LEITÃO, Francisco(org.). **Brasília 1960-2010**: passado, presente, futuro. Brasília: Secretaria de Estado de Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente, 2009.

LEITÃO, Francisco.; FICHER, Sylvia. A infância do Plano Piloto, 1957-1964. In: PAVIANI, Aldo (Org.). **Brasília 50 anos**: de capital a metrópole. Brasília: Editora da UnB, 2010, p. 97-135.

MARTINS, Maria Stella Bresciani. **Da cidade e do Urbano**: experiência, sensibilidades e projetos. São Paulo: Alameda, 2018.

MEDEIRO, Angélica; VELOSO, Mariza. **A cidade e suas feiras:** um estudo das feiras permanentes da cidade. Brasília : Iphan/ 15° Regional, 2017.

PATRIOTA DE MOURA, Cristina, PEIXOTO, Elane Ribeiro & DERNTL, Maria Fernanda (orgs.) **Cotidianos, Escolas e Patrimônio:** percepções antro-po-urbanísticas da capital do Brasil. Brasília, Editora UnB. No prelo.

REIS, Carlos Madson; RIBEIRO, Sandra Bernardes; PINTO, Francisco Ricardo Costa. (org.)- **Superquadra de Brasília:** preservando um lugar de viver. Brasília: Iphan, 2015.

PAVIANI, Aldo. Brasília, **Ideologia e realidade:** espaço urbano em questão. 2° Ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2010.

PEREIRA, Eva Waisros (org.). **Nas asas de Brasília:** Memórias de uma utopia educativa (1956-1964). Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Plano de construções escolares de Brasília. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos.** Rio de Janeiro, v.35, n.81, jan./mar. 1961. p.195-199.

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial:** orientações ao professor. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2011 (caderno 1).

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial:** reflexões e práticas. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2012 (caderno 2).

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial:** memória e identidades. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2013 (caderno 3).

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.). **Educação patrimonial:** diálogos entre escola, museu e cidade. João Pessoa: Superintendência do Iphan na Paraíba, 2014 (caderno 4).

VOGEL, Arno; VOGEL, Vera Lúcia de; LEITÃO, Gerônimo E. de Almeida. **Como as crianças veem a cidade.** Rio de Janeiro: Pallas: Flacso: UNICEF, 1995.

Depoimentos coletados no Arquivo Público do DF / Programa de História Oral

ABADIA, Maria de Lourdes. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. p.

BORGES, Domingos José. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 26p.

BORGES, Manoel Luiz. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 25p.

COELHO, Pedrina de Oliveira. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. p.

FARIAS, Edite Martins. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 15p.

GONÇALO, Gonçalves Bezerra. **Depoimento - Programa de História Oral.** Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2001. 49p.

JESUS, Ana Maria de. **Depoimento - Programa de História Oral,** Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 20p.

LIMA, Adair José de. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2005. 24p.

LOBÃO, Luiz Gonzaga Ribeiro. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 22p.

MANEIRO, Albino Antônio. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2001. 18 p.

MATTÃO, José. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 20p.

MENDES, Ilton Ferreira. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 40p.

NASCIMENTO, Severina Etelvina. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 26p.

NOGUEIRA, Francisco Chagas. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 19p.

OLIVEIRA, Luzimar. **Depoimento Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 17p.

PEREIRA, Francisca Coelho. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 19p.

PIMENTEL, Maria das Graças. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2001. 20p.

PIRES, Maria do Socorro. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 18p.

RIBEIRO, Eliezer Marques. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 26 p.

RODRIGUES, Dalva Afonso N. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 19p.

SILVA, Antônia Alves da. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 28p.

SILVA, Severino Bezerra da. **Depoimento - Programa de História Oral**. Brasília, Arquivo Público do Distrito Federal, 2002. 45p.

.....

MINI CURRÍCULO DAS AUTORAS

Elane Ribeiro Peixoto é doutora em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo. Professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, integra o Programa de Pós-graduação dessa instituição, orientando pesquisas na área de história da cidade, história e crítica da arquitetura e patrimônio cultural.

Julia Mazzutti Bastian Solé é mestranda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Brasília. Pesquisadora, curadora e projetista nas áreas de patrimônio, arte, arquitetura e urbanismo.

.....

PALAVRAS DOS DESIGNERS

Henrique Meuren

Róbsom Aurélio

Teo Horta

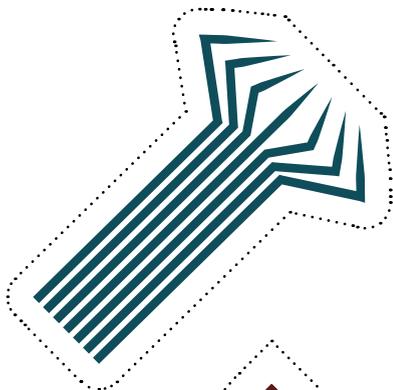
Participar da concepção deste guia foi um grande prazer. Como designers, costumamos dizer que atuamos como tradutores de ideias, e este guia apresenta várias camadas de informação para serem visualizadas, tocadas, lidas, interpretadas. Uma oportunidade de ouro para discutir e se debruçar sobre identidade e cultura de um lugar único.

Com o desafio de dar cara a uma pesquisa acadêmica e ao mesmo tempo refletir o sentimento de pertencimento dos estudantes da Cei, o projeto gráfico do livro foi pensado com carinho desde as primeiras definições. O formato portátil convida ao manuseio e cabe na mochila sem fazer volume. Os textos e relatos ganham vida com ilustrações e imagens em diferentes estilos. A linguagem das ruas invade a capa e as páginas internas com rabiscos, cartazes, lambe-lambes, grafites, anúncios e adesivos, como um espelho da paisagem cotidiana que convida o leitor a interagir a partir da sua própria percepção sobre o local.

Mais do que um simples guia, o Rolê pela Cei é um diário das navegações cotidianas pelas ruas e espaços da cidade pelo olhar do seu portador.

.....
Este livro foi composto com as famílias tipográficas *Textbook*
New e *Macbeth* e impresso em papel Offset 90g/m² pela gráfica
Athalaia em Brasília em 2020 com tiragem de 1000 exemplares.
.....

**GOSTOU DOS ADESIVOS QUE ENFEITARAM OS MUROS DO NOSSO GUIA?
RECORTE DESTA PÁGINA E COLE ONDE QUISER!**





Orientar-se numa cidade sem a ela pertencer demanda o recurso a mapas e a guias turísticos. Se mapas fornecem a ossatura dos traçados, os guias sugerem percursos pré-selecionados, monumentos e edificações exemplares e áreas e bairros reconhecidos por suas singularidades. Procedimento diverso ao dos moradores; estes se perdem e se reencontram pela familiaridade com trechos de ruas, cheiros, cores de muros, lojas, praças. Seus percursos traçam linhas entrecruzadas, sobrepostas, compõem com seus passos uma tessitura intrincada marcada por pontos de encontro e desencontros.

Como transferir a experiência a outras pessoas estranhas a essa vivência?

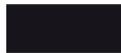
Pois foi essa a proeza alcançada por Elane e Julia em seus rolês pela CEI, adentrando Ceilândia pelos olhos, o andar e as vozes de estudantes, jovens moradores, em seus percursos e depoimentos repletos de emoções e cumplicidade com “seu lugar no mundo”. Na narrativa, personagens ganham identidade multifacetada e coletiva, nos convidam e nos conduzem pela “sua cidade” tecida pela experiência. Constroem com a excepcional sensibilidade das pesquisadoras autoras somadas à beleza das imagens gráficas um “guia atípico” nas palavras de Apresentação de Cristina e Maria Fernanda. Impossível resistir ao convite!

Maria Stella Martins Bresciani



DAN

Programa de Pós-Graduação
em Antropologia Social



faunb



Laboratório de estudos da urbe